

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA
INSTITUTO DE ARTES
GRADUAÇÃO EM DANÇA**

DEBORAH CAPRIOLI PAOLILLO PULHEIS

FESTIVAL RIO H2K:
uma análise da aproximação entre Danças Urbanas e Dança Contemporânea no evento

**UBERLÂNDIA
2021**

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA
INSTITUTO DE ARTES
GRADUAÇÃO EM DANÇA**

DEBORAH CAPRIOLI PAOLILLO PULHEIS

FESTIVAL RIO H2K:

uma análise da aproximação entre Danças Urbanas e Dança Contemporânea no evento

Trabalho de Conclusão de Curso desenvolvido no curso de Graduação em Dança no Instituto de Artes da Universidade Federal de Uberlândia, apresentado como requisito parcial para a obtenção do título de Bacharel em Dança.

Orientador: Prof. Dr. Vanilto Alves de Freitas

**UBERLÂNDIA
2021**

DEBORAH CAPRIOLI PAOLILLO PULHEIS

FESTIVAL RIO H2K:

uma análise da aproximação entre Danças Urbanas e Dança Contemporânea no evento

Monografia aprovada para obtenção do título de Bacharel em Dança no Curso de Graduação em Dança da Universidade Federal de Uberlândia (MG), pela banca examinadora formada por:

Uberlândia, 30 de outubro de 2021

Prof. Dr. Vanildo Alves de Freitas, UFU/MG

Prof. Dr. Jarbas Siqueira Ramos, UFU/MG

Prof.^a Dra. Daniella de Aguiar, UFU/MG

Ma. Vanessa Garcia dos Santos, UFU/MG

AGRADECIMENTOS

À Universidade Federal de Uberlândia, ao Instituto de Artes e ao Curso de Dança pela oportunidade de estudo, e pelo espaço de aprendizagem concedido.

À todas professoras, professores e técnicos do Curso de Dança da UFU, pela formação e pelo conhecimento compartilhado.

Ao meu orientador, pelas trocas, conversas, por me guiar nessa jornada e sempre cuidar para que esse fosse um processo leve.

À minha família pelo apoio constante, e especialmente aos meus pais, por serem o maior alicerce da minha existência.

À Luke e Ziva por tornarem meus dias mais leves, alegres e constantemente me lembrarem dos diversos significados do amor.

À Daniela Tosi e Aline Silva por terem me criado para a dança e para a vida, sempre terem acreditado no meu potencial e me incentivado na carreira com a dança.

Ao Studio de Dança Daniela Tosi, por ter sido minha segunda casa e segunda família, e por ainda me receber sempre de braços abertos a cada vez que retorno.

Ao ID Code Company, por ter sido a realização de um sonho, não só meu mas de muitas companheiras de dança, e um caminho que nos apresentou tantas oportunidades, possibilidades e particularidades do universo das Danças Urbanas.

À Cia. de Dança Bittencourt, por ter me acolhido, acreditado no meu potencial, me oferecido grandes experiências de dança e de vida, e por constantemente ter se mostrado como um dos espaços que mais tenho orgulho em frequentar e fazer parte nessa cidade.

À todas professoras e professores que passaram pela minha vida e deixaram algo de bom plantado por aqui.

À Atlético das Artes, por ter me apresentado bons amigos, ensinado sobre os desafios e prazeres de uma gestão, oferecido um espaço de representação e pertencimento, e me mostrado o quão acolhedor é ter um lugar pelo qual torcer e prezar pelo crescimento.

À Bateria Artilharia, por ter me ensinado sobre dedicação, união e me mostrado que a harmonia, seja na música ou na vida, é conquistada através da prática e do tempo dedicado a ela.

Aos Arlekings Cheerleaders, por cada conquista compartilhada, por terem me acolhido desde o início, acreditado no meu potencial, no meu trabalho, e me permitirem ensinar e aprender tanto com cada atleta/artista que passou por esse time. Vocês me ofereceram um espaço onde eu pude me reinventar e me descobrir cada vez mais no mundo da dança, e por isso eu sempre serei grata.

Às minhas fiéis amigas e colegas de curso: Amanda Benfica, Beatriz Freire, Cecília Resende, Fernanda Lemos e Lorena Piovezan, pela amizade, pelas trocas, pelos abraços, risadas, e por todos esses anos de cumplicidade, compreensão, adversidades, dificuldades e afetos compartilhados. Vocês com certeza são um dos maiores presentes que a graduação me deu.

Ao meu amigo Leonardo Piacezzi e minha amiga Cecília Resende por terem me auxiliado na tradução e revisão do Abstract dessa pesquisa.

À todas minhas amigas e amigos, do curso, da universidade, da dança e da vida, que não estão citados em nome aqui, mas que tem minha eterna gratidão. Sem o apoio e companhia de vocês muitas coisas não teriam sido possíveis para mim.

A todos problemas, dificuldades, questões, adversidades e conflitos ocorridos na minha trajetória, por mostrarem que tenho força e coragem suficientes para enfrentar e superar quaisquer obstáculos que se apresentem a mim.

À todas conquistas, produções e realizações concretizadas por mim, por mostrarem que sou capaz de atingir meus objetivos e realizar meus sonhos. Estas são ainda um sinal de que há muito mais por vir.

Por fim mas não menos importante, à Dança e à Arte. Por serem minha grande paixão e me revelarem constantemente que com elas, meu mundo é mais bonito.

RESUMO

O presente trabalho se insere em estudos que se interessam pelo fenômeno da aproximação entre Danças Urbanas e Dança Contemporânea, que tem se mostrado um traço da produção em Dança na atualidade. A partir disso, esta pesquisa analisa o desenvolvimento das edições do Festival Rio H2K: um evento que originalmente atua promovendo a área das Danças Urbanas, mas que desenvolveu um interesse em abranger e contemplar ações que ultrapassam essa área - dentre elas, a Dança Contemporânea. Em vista disso, a fim de compreender estas aproximações estabelecidas, a pesquisa lança luz ao modo que este evento articula o encontro entre as duas danças. Sendo que para tal, a pesquisa voltará o olhar às seguintes ações executadas pelo festival: ações pedagógicas, mostra de espetáculos, curadoria e direção artística. A presente pesquisa, possui uma abordagem essencialmente qualitativa, e utiliza procedimentos como revisão bibliográfica, documental (programas, sites, registros fotográficos e videográficos, matérias jornalísticas, redes sociais, etc.) e estudo de caso, explicitando questões sobre o modo como essa aproximação tem se dado no festival, assim como possíveis desdobramentos de/sobre esse fenômeno.

PALAVRAS-CHAVE: Danças Urbanas, Dança Contemporânea, Festival Rio H2K

ABSTRACT

The present work derives from a study interested about the phenomenon of approximation between Urban Dances and Contemporary Dance, which has been shown to be a feature of the production in Dance today. Therefore, this research analyzes the development of the Festival Rio H2K editions: an event that originally acts promoting the area of Urban Dances, but which has developed an interest in covering and contemplating actions that go beyond this area - among them, Contemporary Dance. From them on, in order to understand these established approaches, the research sheds light on the way in which this event articulates an encounter between the two dances. And for such understanding, the research will focus on the following actions performed by the festival: pedagogical actions, shows, curatorship and artistic direction. This research has an essentially qualitative approach and uses procedures such as bibliographical and documentary review (programs, websites, photographic and videographic records, journalistic materials, social medias, etc.) and case study, explaining questions about how this approach has given at the festival, as well as possible consequences of/on this phenomenon.

KEY WORDS: Urban Dances, Contemporary Dance, Festival Rio H2K

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1: Festival Rio H2K.....	13
Figura 2: parceiros, patrocinadores e apoiadores da edição de 2015 do Rio H2K.....	14
Figura 3: Imagem de divulgação da grade de artistas convidados da edição de 2016.....	16
Figura 4: Cia. Híbrida, “Moto Sensível”	21
Figura 5: Cia. Híbrida, “Olho Nu”	21
Figura 6: Cie. Käfig, “Agwa”	21
Figura 7: Cie. Käfig, “Correria”	21
Figura 8: Cie. S’Poart, “Rouge”	22
Figura 9: Cie. Zahrbat, “Sillons”	24
Figura 10: Imagem de divulgação da nova logo e novo nome do festival em 2018.....	25
Figura 11: Post de divulgação dos espetáculos presentes na mostra de 2018.....	27
Figura 12: imagem de divulgação da artista Deborah Colker na edição de 2018.....	27
Figura 13: imagem de divulgação dos intensivos de Gaga Classes, oferecidos por Bret Sterling.....	27
Figura 14: imagem de divulgação dos artistas Cat Cogliandro e Gabriel Braga na edição de 2018.....	27
Figura 15: imagem de divulgação da grade de artistas convidados ao Rio H2K 2019.....	29
Figura 16: imagem de divulgação do intensivo Soul Sync, com Cat Cogliandro, Pedro Reis e Gabriel Braga na edição de 2019.....	29

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	8
1. FESTIVAL RIO H2K.....	11
1.1. O Festival.....	13
1.2. Curadoria.....	17
1.3. Mostra de Espetáculos.....	20
1.4. Festival Internacional de Dança.....	25
2. ESTRUTURAÇÃO DO FESTIVAL ENTRE AÇÕES PEDAGÓGICAS E ARTÍSTICAS.....	30
2.1. Ações pedagógicas.....	32
2.2. Pensamento curatorial e a mostra de espetáculos.....	37
2.3. Direção artística como estruturadora do evento.....	44
3. REVERBERAÇÕES DA DANÇA CONTEMPORÂNEA NO RIO H2K.....	47
4. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	55
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	57

INTRODUÇÃO

O contato entre a Dança Contemporânea e as Danças Urbanas em produções, criações e ações artísticas tem se mostrado um traço considerável para a cena da dança na atualidade, sendo observado entre artistas, coreógrafos, professores, companhias de dança, programações de festivais, espaços culturais, entre outros. A partir do momento em que é possível observar o crescimento desse tipo de produção que estimula a aproximação destas danças, percebe-se também que, apesar de existir uma quantidade considerável de agentes (artistas, grupos, coreógrafos, eventos, etc.) trabalhando com esse tipo de produção, não há uma grande quantidade de materiais, seja em vídeos e/ou publicações, que tratam do tema.

Em vista disso, ao considerar esse contexto, a carência de materiais que discutem o referido tema e por consequência, a demanda em ampliar a pesquisa e produção de conteúdo, informação e conhecimento para a área de Dança sobre a temática na contemporaneidade, considera-se, em alguma medida, significativo realizar este estudo, verificando relações, aproximações e pontos de contato entre estas duas formas de fazer, pensar e ver dança – nesse caso, através de um recorte de contexto específico.

Portanto, a fim de compreender possíveis relações estabelecidas entre essas duas manifestações, através de um recorte sobre o fenômeno acontecendo atualmente no Brasil, essa pesquisa lança luz ao Festival Rio H2K¹ e ao modo que esse evento articula um encontro entre as duas danças. Sendo que para tal a pesquisa se concentrará nas seguintes proposições executadas pelo festival: ações pedagógicas e ações artísticas (curadoria e mostra de espetáculos).

A presente pesquisa, que compõe a construção de um Trabalho de Conclusão de Curso no Bacharelado em Dança da Universidade Federal de Uberlândia, possui uma abordagem essencialmente qualitativa², e utiliza procedimentos como revisão bibliográfica, documental (programas, sites, registros fotográficos e videográficos, matérias jornalísticas e redes sociais) e um estudo de caso³. Pode-se dizer que este estudo de natureza básica, ou seja, que pretende

¹ Um festival internacional que se concentra no campo das Danças Urbanas, que acontece anualmente na cidade do Rio de Janeiro desde 2011.

² “[...] todas as formas de investigação social que se baseiam principalmente em dados qualitativos [...] isto é, dados não numéricos na forma de palavras” (HASEMAN, 2015 p. 42, apud SCHWANT, 2001 p. 213).

³ Estudo de uma entidade bem definida como um programa, uma instituição, um sistema educativo, uma pessoa, ou uma unidade social – ou nesse caso, o fenômeno das possíveis formas de aproximação entre duas danças, a partir das ações do Festival Rio H2K – “visando conhecer em profundidade [...] uma determinada situação que se

elaborar conhecimentos sem aplicação prática prevista (SILVEIRA e CÓRDOVA, 2009), dispõe de objetivos tanto exploratórios como descritivos, pois além de se preocupar em descrever e caracterizar um dado fenômeno ele também tem o intuito de explorar um assunto ainda pouco discutido, visando proporcionar uma maior familiaridade com o mesmo. E através disso, ampliando também a pesquisa e produção de conteúdo, informação e conhecimento para a área de Dança sobre a temática.

Devido à baixa quantidade de conteúdos produzidos e publicados sobre este tema, encontrados durante levantamento de referências bibliográficas, destaco aqui o texto “A cena das Danças Urbanas em Cena: a interface Danças Urbanas e Dança Contemporânea” de autoria de Vanilton Lakka (2015). Sendo um dos poucos que trabalha especificamente numa perspectiva de análise da interação entre as Danças Urbanas e Contemporânea, trago-o aqui como um texto referência para o ponto de partida do desenvolvimento desta pesquisa.

Como o autor destaca, há algum tempo esse fenômeno (a relação entre Dança Contemporânea e Danças Urbanas na produção atual) tem crescido e ganhado mais espaço dentro das produções em dança atualmente, criando um cruzamento que leva tanto dançarinos “urbanos” a um ambiente de Dança Contemporânea, quanto diretores, coreógrafos e/ou bailarinos de formação essencialmente contemporânea que buscam interagir com aspectos das Danças Urbanas. Destacando alguns exemplos, o autor traz referências de agentes criadores brasileiros e franceses - grupos, coreógrafos, diretores, companhias, etc. -, que atuam de alguma maneira nesta interface, ou que criam pontes de interação entre essas duas danças em alguma obra/criação - dando destaque para esse fenômeno que verifica-se com maior recorrência nestes dois países: Brasil e França (dado de grande importância para a pesquisa, no que diz respeito principalmente ao estudo feito sobre a curadoria do Festival Rio H2K⁴).

Sendo assim, no primeiro capítulo da pesquisa, há um levantamento descritivo sobre o evento, com a função de sinalizar as ações e o modo como o festival foi agregando novas propostas ao longo de suas edições. Sendo o Rio H2K (ou Rio Hip Hop Kemp) um evento que tradicionalmente promove as Danças Urbanas e suas diversas direções, propondo uma programação que inclui ações como workshops, batalhas, espetáculos, painéis, bate-papos, festas e showcase de grupos selecionados, contando sempre com a participação de convidados

supõe ser única em muitos aspectos, procurando descobrir o que há nela de mais essencial e característico” (FONSECA, 2002, p. 33).

⁴ Vide subcapítulo 1.2. “Curadoria”.

nacionais e internacionais da área da Dança. Sendo destacadas neste momento suas propostas artísticas, pedagógicas e curatoriais, observando especialmente a maneira que o festival promove e proporciona em sua programação ações que abrangem manifestações artísticas para além da ótica das Danças Urbanas - dentre elas, a Dança Contemporânea.

A partir deste levantamento inicial, é possível notar, principalmente nas últimas edições, o crescimento de um desejo do evento em se expandir para além da área das Danças Urbanas, promovendo no festival ações que dizem respeito a manifestações distintas da sua área principal, tradicional e de maior peso em sua plataforma. Então no segundo capítulo, a partir de uma perspectiva mais analítica sobre o fenômeno, a pesquisa tenciona circular por possíveis questões e desdobramentos suscitados a partir do primeiro levantamento sobre o festival, pensando quais estratégias do evento podem ter atuado na aproximação entre Danças Urbanas e Dança Contemporânea. Trazendo possíveis perspectivas sobre o modo como o evento se estrutura, como se dão as relações entre as duas manifestações dentro das ações artísticas e pedagógicas do festival, o modo como o pensamento curatorial exerce influência sobre o desenvolvimento dessa aproximação no festival, e a atuação da direção artística do evento como a instância que cria pontes e conecta todos os eixos do festival.

Caminhando para um momento final de discussão, o terceiro capítulo tratar-se-á de reflexões sobre as possíveis reverberações da presença de alguns aspectos e perspectivas de Dança Contemporânea no Rio H2K, a partir dos dados de desejo de expansão do evento, interesse na sua internacionalização, estímulo à possibilidades de profissionalização e ampliação dos horizontes de abrangência do festival, além do estímulo a um intercâmbio, diálogo e vivências em outras linguagens para os artistas de Danças Urbanas. Desse modo, apresentando hipóteses de ressonância do fenômeno de aproximação entre as Danças Urbanas e a Dança Contemporânea, atuando sobre o contexto e os praticantes desse festival.

Destaco que essa é uma possível abordagem sobre o tema, um recorte que tenta trazer um modo de discutir, pensar e interpretar este encontro entre as Danças Urbanas e a Dança Contemporânea. O estudo pretende contribuir para as pesquisas da área de uma forma geral, uma vez que é a partir da produção de conhecimento que se dá a evolução da área. Considerando também que esta investigação não se propõe a trazer respostas fechadas e/ou diretas à alguma(s) pergunta(s), mas sim levantar questões que se desdobram em outras reflexões. Assim, a intenção é expor o resultado da minha perspectiva interpretativa sobre o referido fenômeno, gerando outras visões e desdobramentos acerca desse tema ainda pouco explorado.

CAPÍTULO 1

FESTIVAL RIO H2K

1. FESTIVAL RIO H2K

Os festivais de dança além de possuírem a capacidade de reunir inúmeras pessoas direcionadas para um mesmo objetivo, ou que possuam interesses no mínimo bastante semelhantes, são também um importante espaço para a cena artística: promovendo encontros entre praticantes, criando oportunidades de profissionalização, disseminando a dança, fomentando a área, evidenciando a importância de espaços específicos para estudo, além de diversos outros aspectos que poderiam ser destacados aqui. Como colocado por Garcia (2016, p. 30), “[...] os festivais são fundamentais para o desenvolvimento da Cultura, pois implicam diversas esferas referentes à fomentação do segmento. Espaços de interação coletiva das Danças Urbanas, reúnem inúmeras pessoas em prol de um mesmo desejo, a prática da dança”.

Portanto, partindo da necessidade de conhecer e obter mais informações sobre o Festival Rio H2K, este capítulo direcionará o olhar para um levantamento sobre o evento. Como ele acontece, como se organiza, qual seu propósito, quais são as suas propostas artísticas, pedagógicas e curatoriais, a quem se destina, como foi se transformando ao longo das edições entre outros. Destaca-se aqui que grande parcela das informações encontradas para este levantamento foi levantada a partir de consulta a matérias de sites, jornais e mídias virtuais de divulgação do evento, além das redes sociais (Instagram e Facebook) do Rio H2K, sendo que ambas as fontes foram de vital importância para tal pesquisa⁵.

Por ser um grande e renomado evento no Brasil, é conhecido de antemão que este é um festival voltado principalmente para a cena das Danças Urbanas, que promove encontros entre artistas e profissionais nacionais e internacionais da área. Contudo, é possível observar que de algumas edições pra cá, o evento tem buscado promover e proporcionar ações em sua programação que abrangessem manifestações artísticas para além dessa ótica das Danças Urbanas, dessa forma, se transformando e ampliando a dimensão de abrangência do evento. O que revela um certo tipo de interação entre Danças Urbanas e outras manifestações acontecendo, em alguma medida, dentro das propostas do festival. Portanto, também direciono meu olhar especialmente para esse fenômeno e o modo como ele foi ocorrendo e se desenvolvendo ao longo das edições do evento, de modo a trazer tanto uma perspectiva descritiva quanto analítica sobre tal fenômeno.

⁵ Ressalta-se que houveram tentativas de contato com a organização do evento para possível entrevista ou questionário sobre o festival, porém não se obteve sucesso.

1.1. O Festival

O Festival Rio H2K (abreviação para Rio Hip Hop Kemp) é um evento de Danças Urbanas que acontece anualmente na cidade do Rio de Janeiro desde 2011, e tem em sua origem “o sonho de realizar anualmente um grande encontro internacional das Danças Urbanas” (VASCONCELOS, 2020). Com a direção de Miguel Colker e Bruno Bastos, o festival se propõe a promover encontros que contribuam para a cena das Danças Urbanas no Brasil, trazendo profissionais internacionais e nacionais para sua programação, e apresentando ao público o que consideram de melhor nas Danças Urbanas de todo o mundo.



Figura 1 - Festival Rio H2K (Fonte: <http://www.centraldeprojetosccfb.com.br/rio-h2k/>)

O festival possui uma organização que se divide principalmente em: workshops, palestras, batalhas e showcase⁶. A primeira edição do evento em 2011 contou com a presença de 13 artistas convidados, nacionais e internacionais, dentre eles Brian Green, P. Lock, Brian Puspos, Philip “Pacman” Chbeeb, Pat Cruz, B.boy Neguin, André Rockmaster e Nobru Xstyle. Reunindo um público com participantes de todos os estados do país, além da Argentina e Uruguai, o evento foi considerado o primeiro kemp⁷ de dança da América do Sul.

A proposta de realizar no Brasil uma experiência de formação artística, ao oferecer encontros com referências mundiais das Danças Urbanas se manteve nas edições seguintes do festival como sua principal premissa. Figuras reconhecidas e renomadas internacionalmente como Keone e Mariel Madrid, Lyle Beniga, Laure Courtellemont, Shaun Evaristo, Les Twins,

⁶ Apresentações não-competitivas de artistas e grupos convidados (amadores e/ou profissionais).

⁷ Kemp ou Camp, são eventos que promovem experiências imersivas e intensivas em dança, com uma programação intensa de aulas e profissionais da área, onde geralmente um público de diferentes localidades viajam e se reúnem para participar da experiência do evento. Por exemplo: Fair Play Dance Camp, Urban Dance Camp, Brasil Dance Camp.

Parris Goebel, além dos brasileiros Frank Ejara, André Bidu, Bboy Neguin, entre muitos outros, são nomes que se destacam nas programações das primeiras edições do festival.



Figura 2: parceiros, patrocinadores e apoiadores da edição de 2015 do Rio H2K
(Fonte: <https://www.instagram.com/rioh2k/>)

Com patrocínio de grandes empresas cariocas e da Secretaria Municipal de Cultura do Rio de Janeiro⁸, além do apoio da Funarte, Rede Globo, Centro de Movimento Deborah Colker e embaixadas e consulados de alguns países como França e Suécia, que incentivam o intercâmbio entre os países no Brasil, o festival Rio H2K chegou em sua quinta edição, em 2015, já sendo considerado o maior festival de Street Dance da América Latina. De acordo com um de seus diretores, Miguel Colker (2015), com o passar das edições o evento cresceu e se tornou mais do que um festival, ou um encontro de dançarinos do Brasil e do mundo. Para Colker, o H2K se tornava um movimento que a cada dia adquiria “[...] uma característica maior de responsabilidade perante a evolução técnica, estratégica e reflexiva das expressões artísticas ligadas ao universo das Danças urbanas”. Segundo Colker, o evento, assim como “todos aqueles que desenvolvem o movimento [Danças Urbanas] se colocam nesta posição de compromisso constante acerca deste universo”. Dessa forma, é possível notar, então, que além do festival ser uma porta de entrada para o intercâmbio entre dançarinos, artistas e profissionais de todo o

⁸ A Secretaria Municipal de Cultura do Rio de Janeiro aparece como “patrocinadora” na ficha técnica do evento, e não como “incentivadora” como ocorre de maneira mais comum em alguns projetos desse tipo.

mundo, ele também se comprometia com o desenvolvimento e crescimento da cena e dos praticantes dessas danças no Brasil.

Além do comprometimento com as Danças Urbanas, é preciso pontuar que esse é um festival que não deixa de ser um negócio, um projeto mercadológico que visa lucro e certo rendimento financeiro em sua execução. Ao unir o desejo de crescimento da cena e de seus praticantes, o evento cria uma plataforma de vendas de suas ações e propostas. O que por fim gerará lucro e rendimento financeiro através das ações formativas comprometidas com o cenário das Danças Urbanas no Brasil. Sendo assim, o principal objeto de venda, de alcance de público e precursor deste festival são os workshops com artistas e coreógrafos reconhecidos internacionalmente, e com fama principalmente na área das Danças Urbanas. Já que desde o início sua premissa era promover no Brasil encontros com referências mundiais das Danças Urbanas, o foco principal de marketing, difusão e alcance do evento sempre se deu por meio da divulgação de sua grade de profissionais convidados – que na maior parte das vezes cumprem sua participação no festival através do oferecimento de workshops, mas que por vezes se apresentavam ou traziam parte de seus trabalhos artísticos para serem apresentados no showcase do evento, nas palestras, ou festas.

Em sua divulgação da grade de artistas convidados, geralmente o evento não descreve o estilo ou técnica de dança que o artista ministrará em suas aulas. O que aponta que a intenção de trazer estas pessoas para o evento, não se dá pelo desejo de inserir aulas de estilos específicos na programação do festival, mas sim de ter a presença de artistas, coreógrafos, profissionais de renome, os quais acredita-se que irão contribuir para esse intercâmbio em dança num evento no Brasil. É evidente que cada profissional presente no festival possui uma área – ou mesmo, mais de uma - de atuação e pesquisa mais reconhecida e definida, por isso em alguns veículos de imprensa eram divulgados os profissionais e suas respectivas áreas (principais) de atuação dentro da dança. Mas, nas ações de divulgação do festival, eram predominantemente anunciados somente os nomes dos artistas, acompanhados de um breve currículo de suas realizações, sem definir se suas aulas seriam especificamente de Hip Hop Dance, Waacking, Krumping ou House Dance, etc. O que também confere aos artistas uma maior liberdade para trazer ao festival suas próprias pesquisas artísticas, sem que precisassem se prender previamente a nomes, rótulos ou técnicas definidas. Fazendo com que pudessem inclusive, ministrar workshops de diferentes estilos a cada aula que fossem trazer ao festival.



Figura 3: Imagem de divulgação da grade de artistas convidados da edição de 2016
(Fonte: <https://www.instagram.com/rioh2k/>)

Além da proposta pedagógica do festival ao apresentar uma grade de workshops, há também a presença de outras ações formativas e artísticas no evento, como palestras, apresentações e batalhas. As palestras sempre são oferecidas por alguns dos artistas (nacionais e internacionais) convidados ao festival, e por diretores e/ou integrantes das companhias convidadas para a Mostra de Espetáculos⁹. Os assuntos e temas das palestras são diversos, passando pela área de pesquisa ou atuação principal dos palestrantes, mas sempre orbitando questões do universo das Danças Urbanas.

As apresentações, ocorridas no formato de showcase, sempre contam com coreografias de grupos e artistas amadores e/ou profissionais, previamente selecionadas pelo festival, através de edital de inscrição para participação no Showcase Rio H2K. Além de também sempre contarem com breves apresentações de alguns dos artistas convidados para o evento.

⁹ Inserida na programação do evento a partir de 2015, descrita mais profundamente no subcapítulo 1.3.: “Mostra de Espetáculos”.

Já as batalhas, evento tradicional da Cultura Hip Hop, acontecem como forte característica do festival também, sob o título de “Rio H2K Battles”. A cada edição do evento, as batalhas são divididas em diversas categorias, como por exemplo: Hip Hop, Popping, Locking, House, Passinho e Breaking. Já tendo acontecido sob o formato de batalhas “1x1” e “2x2”, a competição premia os melhores dançarinos em cada categoria, realizando inclusive premiações em dinheiro em algumas edições.

No geral, ao propor um evento com essa significância, promovendo intercâmbios, estimulando a prática das Danças Urbanas, e trazendo ao Brasil um programa de experiências em dança num formato ainda pouco visto por aqui, percebe-se no festival uma intenção de fortalecer e estimular a formação, a difusão e a valorização da cultura Hip Hop e das Danças Urbanas no Brasil, criando uma plataforma de sustentação anual que incentiva e impulsiona a formação de novos artistas, dançarinos e profissionais brasileiros. Em vista disso, é notório que o evento crescerá e ainda se transformará bastante ao longo de suas edições.

Ao todo, o Festival Rio H2K realizou 9 edições do evento ao longo de 9 anos, com 917 workshops, 194 artistas nacionais e internacionais convidados, 56 espetáculos e um total de público de aproximadamente 415 mil pessoas, se consagrando, portanto, como o maior festival internacional de Danças Urbanas da América Latina.



10

Link site Festival Rio H2K.

1.2. Curadoria

A partir da 5ª edição, realizada em 2015, o Rio H2K, que até então possuía uma programação composta por workshops, palestras, showcase e as tradicionais batalhas, se ampliou e inseriu também uma mostra de espetáculos na programação do evento, com companhias profissionais convidadas. Isso exigiu do festival a inserção de um pensamento curatorial para sua organização. E para essa função, quem assume a curadoria do festival é Guy

¹⁰ Dados disponíveis no site do festival: <https://www.rioh2k.com.br/>

Darmet, profissional de origem francesa, fundador da Bienal de Dança de Lyon e criador e diretor da instituição Maison de la Danse. Guy Darmet, que nas edições de 2013 e 2014 já estava presente no evento, porém era creditado como embaixador do festival, a partir de 2015 assume então a função da curadoria, junto com o diretor artístico do evento, Bruno Bastos. Frequentemente considerado uma figura muito importante para o cenário da dança no mundo, justamente por ter criado e dirigido por tantos anos um dos maiores festivais de dança do mundo – a Bienal de Dança de Lyon –, Guy Darmet aparece no festival trazendo parte desse peso de sua experiência e relevância na cena da dança internacional. Miguel Colker, diretor geral do Rio H2K, relata ao jornal “O Globo” (2014) que assim que soube que Darmet se mudaria para o Rio de Janeiro, o convidou imediatamente para o projeto:

O Guy tem um olho clínico para as coisas. Esse cara criou um dos maiores festivais de dança do mundo. E percebeu a importância do papel da dança urbana antes de todos os outros festivais, em todos os lugares. É um olhar de aceitação: é da rua, mas pode ser levada ao teatro. (RUBIM, 2014)

Nesta mesma matéria do jornal “O Globo”, Guy Darmet conta que quando diretor da Bienal - que em sua primeira edição contou com a presença de nomes como Martha Graham e Merce Cunningham – por diversas vezes levou à Lyon grupos brasileiros de Danças Urbanas, como a Companhia Urbana de Dança, a fim de dar mais visibilidade à esta Dança e levá-la a ocupar lugares que são com maior frequência ocupados por grandes companhias clássicas e contemporâneas.

Sua relação com o Brasil já é antiga, sendo que em 1994 convidou o Grupo Corpo e o Balé Folclórico da Bahia para se apresentarem na 6ª edição da Bienal de Lyon, após sua primeira visita ao Brasil naquele ano. Já na Bienal seguinte, em 1996, Darmet criou e dedicou a programação da 7ª edição do evento à cultura brasileira, com tema intitulado “Aquarelas do Brasil”, apostando na difusão da dança brasileira na Europa.

[...] foi o maior sucesso de público da história do evento. A Bienal dedicada ao Brasil conseguiu atrair 200 mil pessoas durante o desfile pelas ruas, que reuniu sambistas da escola Imperatriz Leopoldinense e grupos franceses de Carnaval, além de 82.559 espectadores que lotaram teatros, provocando um entusiasmo como nunca havia ocorrido até então. (PONZIO, 1998)

Naquele ano a programação reuniu grupos brasileiros de diretoras como Lia Rodrigues e Deborah Colker, além do Balé da Cidade de São Paulo, Ballet Stagium, entre outros. Bem como um desfile com 100 integrantes da escola de samba carioca Imperatriz Leopoldinense, e outros grupos franceses de carnaval – desfile este que se tornou um ícone e marco da Bienal de

Lyon, e desde então acontece em todas edições: o *Le Défilé - Légendes d'Avenir* (Ícones do Futuro), considerado o maior desfile coreografado da Europa. Além disso, vários grupos brasileiros que desenvolvem trabalhos de Danças Urbanas também foram convidados a se apresentarem, e até estrearem trabalhos em outras edições da Bienal de Dança de Lyon, como a Companhia Urbana de Dança, dirigida por Sonia Destri, o Projeto Social do Centro de Movimento Deborah Colker, dirigido por Miguel Colker, o Balé de Rua, dirigido por Fernando Narduchi com coreografia de Marco Antonio Garcia, entre várias outras.

De certo modo, após conhecer o Brasil e parte das produções brasileiras em dança, Guy Darnet passou a realizar a curadoria de sua Bienal valorizando e dando bastante destaque a obras de companhias e artistas daqui, desenvolvendo cada vez mais este tipo de intercâmbio entre produções francesas e brasileiras, e desenvolvendo cada vez mais também sua relação com artistas brasileiros. Ao se mudar para o Rio de Janeiro em 2012, decidiu que gostaria de trabalhar no país pelo desejo de ver a arte e a dança se desenvolvendo e sendo cada vez mais valorizada por aqui: “Estou aqui porque amo a cidade e porque a dança aqui não tem o lugar que merece. Quero que as pessoas amem a dança como eu amo.” (RUBIM, 2014).

Em vista disso, os processos de curadoria desse festival também pedem um olhar mais atento aqui nesta pesquisa. Como Lakka (2015) aponta, o fenômeno de aproximação entre Dança Contemporânea e Danças Urbanas já vinha acontecendo há algum tempo na França de maneira mais consolidada, então quando um evento tão grande e renomado no Brasil como o H2K encontra essa figura do Guy Darnet, isso certamente é um dado que pode ter exercido uma importante influência nas escolhas das ações artísticas do evento.

A curadoria artística de um festival pode ser compreendida como uma ação que zela tanto pelo seu próprio evento, quanto pelo seu público, atuando como um mediador entre eles. Como colocado por Xavier (2020), o curador é um facilitador, um agente capaz de aproximar sua plateia de obras e artistas que acredita serem relevantes de estarem presentes no contexto de sua programação. Neste sentido, ao analisar a presença do francês Guy Darnet na curadoria do Rio H2K, nos deparamos com o fato de que ele, apesar de possuir um certo histórico com as Danças Urbanas brasileira, é uma figura muito mais reconhecida em outros campos – como por exemplo da Dança Contemporânea - e outras localidades – como por exemplo a França. Sua experiência com a Maison de la Danse e a Bienal de Dança de Lyon, o colocou em contato com muitos tipos diferentes de manifestações em dança, então ao realizar a curadoria de um festival brasileiro de Danças Urbanas, é muito plausível que outros estilos, técnicas e manifestações

para além dela fossem aparecer em suas ações. E o festival foi assumindo essa proposição como uma característica para si, ao longo das edições e do desenvolvimento de suas ações e seu evento - destacando principalmente a mudança no nome do festival lá em 2018¹¹.

Em suma, Rio H2K é um evento que tradicionalmente promove as Danças Urbanas e suas diversas direções, e propõe uma programação que inclui várias ações como workshops, batalhas, espetáculos, painéis, bate-papos, festas e showcase de grupos selecionados, contando sempre com a participação de convidados nacionais e internacionais da área. Contudo, o perfil das ações que compõem o festival foram se transformando através das edições, e ganhando uma maior variedade de propostas – não só, mas possivelmente bastante influenciadas por Darnet –, que foram para além do campo das Danças Urbanas e da Cultura Hip Hop.

1.3. Mostra de Espetáculos

A partir de 2015 passam a acontecer então, no Rio H2K, as mostras de espetáculos com trabalhos de grupos profissionais convidados, selecionados pela curadoria do festival, que é realizada pelo diretor artístico Bruno Bastos e o curador Guy Darnet. Dentre as companhias nacionais e internacionais convidadas no ano de 2015, destacam-se a brasileira Companhia Híbrida, com as duas partes de sua trilogia sobre Hip Hop e Fragilidade: “Moto Sensível”¹² e “Olho Nu”¹³; e a francesa Cie. Kāfig, com seus espetáculos “Agwa”¹⁴ e “Correria”¹⁵. Estes e outros espetáculos que constam na grade da programação do evento naquele ano, apesar de virem de lugares e profissionais diferentes, trazem em comum entre si a maior base técnica e códigos de movimentos em seus trabalhos, marcada pelo Hip Hop Dance e o Breaking. Ainda, é importante ressaltar que a Cie. Kāfig da cidade de Lyon na França, dirigida pelo coreógrafo Mourad Merzouki, apresentou em seus dois espetáculos uma montagem formada somente por bailarinos brasileiros, que após uma circulação em mais de 100 cidades em 17 países, fez finalmente sua estreia no Brasil dentro do Rio H2K.

¹¹ Vide subcapítulo 1.4.: “Festival Internacional de Dança”

¹² Teaser de “Moto Sensível” disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=9Nc3EUA-YVw>

¹³ Teaser de “Olho Nu” disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=HbsCxTpMbRQ&t=145s>

¹⁴ Teaser do espetáculo “Agwa” disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=dzfGMUFwPfo>

¹⁵ Teaser do espetáculo “Correria” disponível em:



Figura 4: à esquerda, Cia. Híbrida “Moto Sensível” (Créditos: Alescha Birkenholz).



Figura 5: à direita, Cia. Híbrida “Olho Nu” (Créditos: Ruy Correa).



Teaser do espetáculo “Moto Sensível”



Teaser do espetáculo “Olho Nu”



Figura 6: à esquerda, Cie. Kãfig “Agwa” (Créditos: Michel Cavalca).



Figura 7: à direita, Cie. Kãfig “Correria” (Créditos: Michel Cavalca).



Teaser do espetáculo “Agwa”



Teaser do espetáculo “Correria”

Isto posto, é possível dizer que a inserção das mostras de espetáculos – além do crescimento e desenvolvimento das ações do festival - já em sua primeira realização, gerou também um considerável aumento no sucesso de alcance do evento. De acordo com a Central

de Projetos da CCFB¹⁶, somente nesta 5ª edição o Rio H2K atraiu cerca de 50 mil espectadores e teve um retorno de mídia em aproximadamente 27 milhões de reais, passando a ser considerado um dos maiores festivais de Danças Urbanas no mundo. Desse modo, o evento foi crescendo e se expandindo cada vez mais, ganhando mais visibilidade tanto nacional quanto internacional, e mantendo - até sua última edição realizada em 2019 - o título de um dos maiores festivais internacionais de Danças Urbanas, e se equiparando a grandes eventos da mesma linha que ocorrem também no exterior.

Em 2016, também através da curadoria de Guy Darmet, o festival recebeu 2 espetáculos de companhias profissionais francesas, e ampliou a mostra com a programação “Novos Rumos”, que abriu espaço para companhias jovens e artistas amadores apresentarem seus espetáculos no festival. Uma das companhias francesas foi a Cie. S’Poart de Mickael Le Mer, que apresentou seu espetáculo “Rouge”¹⁷. Espetáculo este coproduzido pelo Centro Nacional de Dança Contemporânea de Angers, que colocou em cena sete bailarinos com formação principal em Breaking, e que para este trabalho desenvolveram uma linguagem corporal híbrida, a partir de práticas em Dança Clássica e Dança Contemporânea.



Figura 8: Cie. S’Poart “Rouge” (Créditos: Le Poulpe).



Teaser do espetáculo “Rouge”

¹⁶ Câmara de Comércio França Brasil.

¹⁷ Teaser e informações sobre o espetáculo disponíveis no site da companhia: <https://spoart.fr/rouge/>.

A presença de um trabalho com esta interface já revela, portanto, a existência de um interesse do festival em abranger e contemplar criações que ultrapassam as linhas da área das Danças Urbanas. Se esta foi uma iniciativa da direção ou da curadoria do festival, não é possível afirmar. Talvez tenha sido um consenso entre as duas. Mas o que é possível afirmar, é que desde então o festival passou a se preocupar em proporcionar um certo tipo de intercâmbio entre seu objeto principal (as Danças Urbanas) e outras áreas da Dança. Demonstrando também uma versatilidade, em certa medida, de possibilidades de criação e de aproximação entre estilos e técnicas – algo não tão difundido até então entre os artistas¹⁸ das Danças Urbanas na época.

Além da Cie. S’Poart, o evento recebeu também o grupo francês Paradox-Sal com o espetáculo “Fighting Spirit”¹⁹, que apresenta oito dançarinas de Danças Urbanas em cena; e a mostra Novos Rumos - para artistas/companhias jovens ou amadoras – que contou com os convidados: o grupo DançaRio, com o espetáculo “Stresse”, que traz como característica “a integração de técnicas das Danças Urbanas (Hip Hop), Circo, Artes Marciais, Minimalismo, Filosofia e a inserção no universo da Dança Contemporânea, além da observação do cotidiano para desenvolver suas pesquisas coreográficas”²⁰; a Cia Crütz, com o espetáculo “Samba de um amor desfeito”²¹; o duo 904 KM, com o espetáculo “NO”; e a Cia Gente com o espetáculo “Do it!”. Todos os quatro grupos são brasileiros, cariocas, e se caracterizam por trazer uma maior base técnica e códigos de seus trabalhos marcada pelo Hip Hop Dance, o Breaking, entre outras vertentes de Danças Urbanas.

Já em 2017, há ainda mais ações que valorizam essas áreas para além das Danças Urbanas. Na mostra de espetáculos com companhias profissionais há a Cie. Zahrbat, grande companhia francesa de Hip Hop e Dança Contemporânea, com o espetáculo “Sillons”²²; e a carioca Companhia Híbrida com o espetáculo “Estéreos Tipos”²³, que propõe um jogo de relações através dos mitos existentes na Cultura Hip Hop, se organizando cenicamente a partir de uma estética da arte contemporânea. Ainda, na Mostra Novos Rumos – para espetáculos de companhias amadoras – há o espetáculo “Físico, Verbal e Emocional” da companhia curitibana Brainstorm Dance Company, que de acordo com sua diretora Juliana Kis, tem “a intenção de

¹⁸ Aqui me refiro ao recorte de artistas dessa área mais comercial das Danças Urbanas, participantes de festivais, eventos, competições, studios de dança, etc.

¹⁹ Teaser do espetáculo “Fighting Spirit” do grupo Paradox-Sal disponível em: <https://vimeo.com/184829362>.

²⁰ Informações disponíveis da página do festival <https://www.facebook.com/rioh2k/posts/1376532442372361:0>

²¹ Teaser do espetáculo “Samba de um amor desfeito” da Cia. Crütz disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=N-C9tCeA5mc>.

²² Informações sobre a companhia e o espetáculo disponíveis em: <http://www.zahrbat.com/index.php/spectacles/sillons?page=2>

²³ Trecho de “Estéreos Tipos” disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=D-dQ0zIM3Hs>

criar uma imagem diferenciada do Hip Hop no cenário brasileiro (...) criando a partir de um viés de Danças Urbanas e contemporaneidades”.



Figura 9: Cie. Zahrbat “Sillons” (Créditos: Tigre Blanc – Agence de communication lille).



Teaser do espetáculo “Sillons”

Para além disso, o festival inseriu em sua grade de workshops desta edição, aulas de jongo, afromix e coco de roda, evidenciando o desejo do festival em ampliar a abrangência de público e estilos presentes no evento. Como o diretor Miguel Colker comenta em entrevista para matéria do site da Rede Globo (FESTIVAL, 2017), “Nós teremos workshops diferentes que não tivemos nos outros anos (...). Esses ritmos não fazem parte hoje de um grande percentual do que são as atrações do festival, mas é um inciso para uma gradativa ampliação”. E ainda segue:

O Lil Buck [dançarino de street dance convidado para a mostra do evento] e a Cie Zahrbat têm grande repercussão internacional como expoentes da dança. São atrações que nos ajudam a mostrar o que nós queremos para o evento. Queremos que o Rio H2K seja encarado como um grande festival de dança do Rio de Janeiro. Um grande festival de dança internacional que acontece no Rio, mas sem deixar de lado a essência desse evento: a dança de rua. Queremos apresentar para o público sempre grandes atrações inéditas e relevantes. (...) É algo que queremos fazer sempre no festival: sair da caixa, quebrar paradigmas, mostrar novos olhares. (...) a Cie Zahrbat nasce num país importante para o cenário da dança de rua, que é a França, um país que já vê a dança de rua com um olhar profissional, um olhar que reconhece que dessa arte podem surgir trabalhos que podem levar a França para o mundo. (FESTIVAL, 2017).

De fato, a França é um grande expoente de Danças Urbanas, e mais ainda, é possivelmente um dos países com maior quantidade de profissionais e grupos de dança que trabalham com um viés da interação entre Dança Contemporânea e Danças Urbanas. Sendo assim, se torna evidente também a influência que o curador francês Guy Darnet exerceu no desenvolvimento dessa característica do evento. O festival além de assumir um perfil de ações com uma maior variedade de propostas que ultrapassam campo das Danças Urbanas e da Cultura Hip Hop, acabou também assumindo por um período uma característica da promoção de intercâmbio entre artistas e companhias de Danças Urbanas brasileiras e francesas.

1.4. Festival Internacional de Dança

Com todo crescimento e ampliação do festival, ao chegar em 2018 na sua 8ª edição, o evento que desde sua primeira edição até 2017 se denominava “Rio H2K: Festival Internacional de Danças Urbanas”, agora ganha uma notória mudança. O termo “Danças Urbanas” sai de cena e o evento é renomeado como “Rio H2K: Festival Internacional de Dança”.



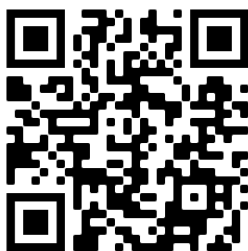
Figura 10: Imagem de divulgação da nova logo e novo nome do festival em 2018
(Fonte: <https://www.instagram.com/rioh2k/>)

Em matéria para o site Agenda de Dança (CUNHA, 2018), o diretor artístico Bruno Bastos explica que naquele ano eles pretendiam que o festival se consolidasse de fato como um Festival Internacional de Dança, ampliando a programação com a presença de novas propostas como a Dança Contemporânea, o Gaga Classes e o Jazz Fusion. “Tinha vontade de mostrar aos artistas de Danças Urbanas que há outras linguagens que podem aprimorar a técnica e criar novas possibilidades. Essa troca é enriquecedora para todos os bailarinos” (CUNHA, 2018).

Em trecho de outra matéria para o Jornal do Brasil (2018), Bruno descreve o desejo do evento em estimular o intercâmbio entre estilos e técnicas:

Depois de surgir consagrando-se às danças de rua, o RIO H2K agora quer se identificar apenas como um festival internacional de dança e tirou o adjetivo “urbana” do nome. A programação desta edição enfatiza a dança contemporânea, o que não quer dizer, entretanto, que as raízes rueras tenham sido deixadas de lado, diz o diretor artístico, Bruno Bastos. “Queremos que os dançarinos urbanos tenham outra visão e conheçam novas técnicas, assim como possibilitar a dançarinos de outros estilos maior contato com os estilos de rua. A ideia é estimular o diálogo e o intercâmbio”, afirma Bruno, que divide a curadoria dos espetáculos com o francês Guy Darmet, ex-diretor da Bienal de Dança de Lyon. (DUCHIADE, 2018)

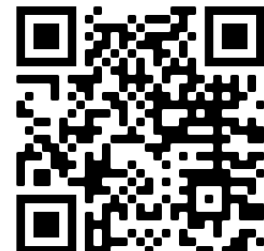
Então a partir deste ano, o festival que levava em seu nome o foco em impulsionar e incentivar as práticas de Danças Urbanas, passa a incluir de vez em sua programação ações que vão para além desse campo. Como trazido por Bruno Bastos na citação acima, a programação da edição do festival de 2018 chegou enfatizando a Dança Contemporânea. A mostra de espetáculos, que desta vez se deu somente com companhias nacionais convidadas, trouxe o espetáculo “Cão Sem Plumas”²⁴ da companhia brasileira de Dança Contemporânea e clássica, Cia. Deborah Colker (RJ); o espetáculo “Inoah”²⁵ do Grupo de Rua (RJ), dirigido e coreografado por Bruno Beltrão, artista conhecido por investigar as fronteiras entre o Hip Hop, o Breaking e a Dança Contemporânea em seus trabalhos; e a também carioca, Cia. Crütz, com o espetáculo “Geléia Geral”²⁶ coreografado por Lucas Sauer e Ricardo Lima que colocam como principal objeto em seu trabalho, o movimento tropicalista e o álbum “Tropicália – Panis et circenses”, criando conexões entre o Hip Hop e a MPB.



Trechos “Cão Sem Plumas”,
Cia. Deborah Colker



Trailer “Inoah”
Grupo de Rua



Divulgação “Geléia Geral”
Cia. Crütz

²⁴ Trechos do espetáculo disponíveis em: https://www.youtube.com/watch?v=2owRW_VRzcY

²⁵ Trailer do espetáculo “Inoah” disponível em: <https://vimeo.com/266647878>

²⁶ Vídeo de divulgação do espetáculo feita pelo Rio H2K: <https://www.facebook.com/watch/?v=2371834149508847>



Figura 11: Post de divulgação dos espetáculos presentes na mostra de 2018
(Fonte: <https://www.instagram.com/rioh2k/>)

Já na programação de workshops, que contou com 23 artistas convidados, nacionais e internacionais de oito países (Brasil, Alemanha, Estados Unidos, França, Inglaterra, Israel, República Tcheca e Rússia), entre os quais se incluíram a presença de nomes como Deborah Colker, ministrando workshops de Dança Contemporânea; Cat Cogliandro de Los Angeles, ministrando aulas de Contemporary Fusion; Gabriel Braga, artista brasileiro conhecido por “ter um estilo único de dança ao misturar hip hop com contemporâneo” (CUNHA, 2018), que também trouxe aulas de Contemporary Fusion; e Bret Easterling, bailarino da Batsheva Dance Company de Israel, que ministrou intensivos de Gaga Classes, uma metodologia de Dança Contemporânea desenvolvida por Ohad Naharin²⁷, diretor da companhia.



Figura 12: à esquerda, imagem de divulgação da artista Deborah Colker na edição de 2018.

Figura 13: ao centro, imagem de divulgação dos intensivos de Gaga Classes, oferecidos por Bret Sterling.

²⁷ Ohad, sua metodologia e sua companhia de dança rapidamente se tornaram populares após a estreia do documentário “Gaga – O Amor pela Dança”, pela plataforma de streaming Netflix, em 2017.

Figura 14: à direita, imagem de divulgação dos artistas Cat Cogliandro e Gabriel Braga na edição de 2018.

(Fonte: <https://www.instagram.com/rioh2k/>)

Todos estes dados apontados acima, a presença desses profissionais e seus trabalhos dentro do festival, são exemplos de ações que criam pontes e possibilitam a interação entre as Danças Urbanas e Dança Contemporânea. Para um evento que trazia “Danças Urbanas” em seu nome, e durante 8 anos criou e desenvolveu uma plataforma direcionada principalmente para praticantes desta dança, criar essas conexões tão marcadas com outras manifestações artísticas como a Dança Contemporânea é, no mínimo, uma ação ousada.

“Este ano, o Rio H2K está se consolidando como um festival internacional de dança. Ampliamos ainda mais a programação com novos estilos como Gaga, Fusion e Dança Contemporânea”, explica Bruno Bastos. “Tinha vontade de mostrar aos artistas de danças urbanas que há outras linguagens que podem aprimorar a técnica e criar novas possibilidades. Essa troca é enriquecedora para todos os bailarinos”, completa. (CUNHA, 2018)

O Rio H2K passa, portanto, a se posicionar como um Festival de Dança, com um novo e amplo olhar para além da ótica das Danças Urbanas, porém sem perder sua essência e raiz nas mesmas. Essencialmente, o evento ainda tem uma programação voltada em sua grande maioria para o campo das Danças Urbanas, e ainda conta com a maior parte de seu público sendo praticante das mesmas - já que se consolidou como um festival renomado através deste viés. Todavia, decide por suprimir o termo “Urbanas” de seu nome justamente por querer se ampliar e desenvolver uma característica de promover a “Dança” em geral, conseguindo desse modo, abranger uma quantidade maior de público, ou até mesmo oferecendo novos olhares ao seu público já frequente, ou melhor, fiel.

Em 2019, na mais recente edição realizada do Rio H2K (sendo que em 2020 e 2021 o evento não aconteceu devido à situação causada pela pandemia do Covid-19 no país e do mundo), o Festival Internacional de Dança seguiu promovendo as Danças Urbanas como essência e carro-chefe principal do evento, mas ainda trazendo em sua programação ações que ultrapassam essa área, e passam pela Dança Contemporânea. Nesta 9ª edição, não houve a mostra de espetáculos e nenhuma companhia foi convidada a se apresentar no festival – sendo que as únicas apresentações na programação daquele ano, ficaram a cargo do showcase, com apresentações de coreografias de grupos previamente selecionados pelo festival. Já dentro da grade de workshops, aconteceu o “Soul Sync”, um programa intensivo de Dança Contemporânea, com Cat Cogliandro (EUA), Gabriel Braga (SP) e Pedro Reis (SP), que propõe “um tipo diferente de abordagem sobre a dança, sem rótulos ou formatos. Aberto para

aqueles que querem se permitir, sentir e se encontrar”²⁸. Além do intensivo, Cat e Gabriel ainda ministraram as aulas de Contemporary Fusion do evento, que teve grande adesão entre o público na edição anterior, e por isso retornaram à programação de 2019.

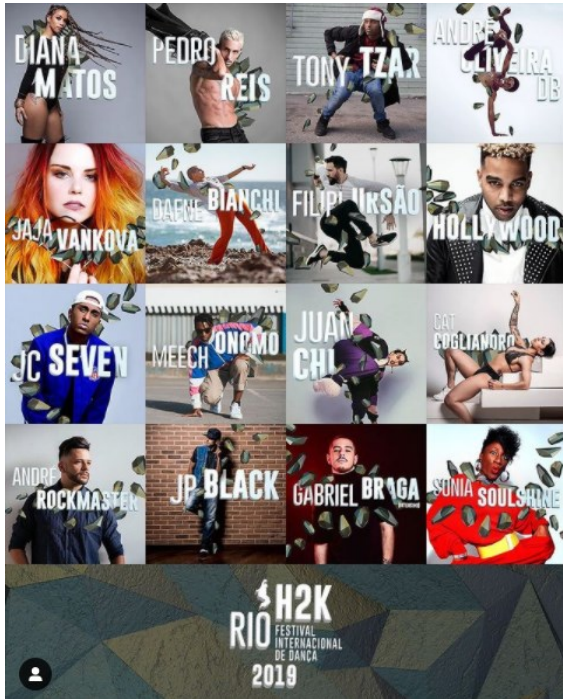


Figura 15: à esquerda, imagem de divulgação da grade de artistas convidados ao Rio H2K 2019.

Figura 16: à direita, imagem de divulgação do intensivo Soul Sync, com Cat Cogliandro, Pedro Reis e Gabriel Braga na edição de 2019. (Fonte: <https://www.instagram.com/rioh2k/>)

²⁸ Descrição do intensivo na página do Rio H2K: <https://www.instagram.com/p/BxIrv-oB88/>

CAPÍTULO 2

ESTRUTURAÇÃO DO FESTIVAL ENTRE AÇÕES PEDAGÓGICAS E ARTÍSTICAS

2. ESTRUTURAÇÃO DO FESTIVAL ENTRE AÇÕES PEDAGÓGICAS E ARTÍSTICAS

Após realizar no primeiro capítulo um levantamento do histórico do Festival Rio H2K e ter apontado como o seu perfil foi sendo alterado durante esse percurso, o presente capítulo busca analisar em que direções essas mudanças sinalizaram. E traz como hipótese a ideia de que o festival foi se aproximando ou buscando um discurso e uma identidade acerca da Dança Contemporânea, deixando de ser um festival de Danças Urbanas para se tornar um festival de Dança.

Num geral, a proposta inicial desse festival era promover intercâmbios, estimular a prática das Danças Urbanas, e trazer ao Brasil um programa de experiências em dança que possibilitasse uma interação entre artistas nacionais e internacionais, o que revela no evento uma intenção de fortalecer e estimular a formação, a difusão e a valorização das Danças Urbanas e da Cultura Hip Hop no Brasil, criando uma plataforma de sustentação anual que incentiva e impulsiona a formação de artistas, dançarinos e profissionais brasileiros. No entanto, os levantamentos sobre o festival revelaram a existência de um interesse do evento em abranger e contemplar criações que ultrapassam as linhas do campo das Danças Urbanas – mesmo que estas ainda se mantenham como sendo o objetivo principal do evento - verificando-se uma aproximação com um discurso de Dança Contemporânea.

Não é possível afirmar se esta foi uma iniciativa que partiu de um desejo da própria direção do projeto, ou se foi uma proposta crescente criada a partir de influências da curadoria, ou ainda, do contexto da Dança no Brasil. Pode ser que tenham havido ainda outros fatores cruciais no desenvolvimento desse fenômeno de aproximação entre as Danças Urbanas e Contemporânea nas plataformas do evento. Mas o que é possível afirmar, é que com o decorrer das edições, o festival passou a se preocupar em proporcionar um certo tipo de intercâmbio entre seu objeto principal (as Danças Urbanas) e outras áreas da Dança – dentre elas de maneira mais firme, a Dança Contemporânea. Demonstrando também uma versatilidade, em certa medida, de possibilidades de criação e de aproximação entre estilos e técnicas – algo não tão difundido até então entre os artistas das Danças Urbanas na época.

A fim de verificar como pode ter se dado essa aproximação, serão abordadas as ações pedagógicas (workshops), as ações artísticas (mostra de espetáculos) juntamente com o pensamento curatorial presente nelas, e citando também a direção artística do Festival Rio H2K, elemento que conecta as instâncias anteriores.

2.1. Ações pedagógicas

Como visto anteriormente, desde o início a premissa do Rio H2K, era promover no Brasil encontros do público local com referências mundiais das Danças Urbanas, para tal a principal estratégia de divulgação e alcance de público do evento eram os workshops intensivos e/ou masterclasses com artistas e coreógrafos nacionais e internacionais convidados ao festival, sendo que uma grande parcela desses profissionais possui carreira pautada principalmente na área das Danças Urbanas. Por vezes esses artistas também se apresentavam ou traziam parte de seus trabalhos artísticos para serem apresentados no evento, mas ainda assim, suas aulas sempre foram o carro-chefe do evento. A ação que mais atrai público, é justamente a oferta desses workshops.

A presença de profissionais renomados e reconhecidos internacionalmente é algo muito atrativo para os praticantes que possuem o desejo de estudar e se capacitar nas Danças Urbanas. É atrativo também para aqueles praticantes que se inspiram em tais profissionais e almejam alcançar uma posição próxima deles no universo da dança. Dessa forma, o evento cria a possibilidade de encontros dos dançarinos com suas grandes referências, e não é raro perceber que os participantes do festival mantêm uma relação de “fã e ídolo” com os professores. Presumivelmente, estes são alguns dos motivos que levam o festival a pautar em sua divulgação, os nomes desses profissionais que serão convidados a participar de cada edição. É possível perceber nos materiais de divulgação do evento, principalmente em suas redes sociais²⁹, que o lançamento de cada edição gera uma certa ansiedade manifestada no público, que demonstra grande expectativa e curiosidade em saber quem serão os convidados daquele ano.

Essa é uma informação de grande importância para o público, também para que eles consigam decidir se naquele ano irão se planejar para participar ou não do festival. Pois, caso os convidados de tal edição não sejam tão atrativos, esse público muito provavelmente não se sentirá tão motivado a estar no evento, como estaria se soubesse que algum de seus ídolos, inspirações e profissionais de referência da dança compareceriam ao festival. Uma marca que pode demonstrar certa aproximação com o universo de consumo da cultura pop, já que “os currículos dos professores e jurados continham muitas informações relativas ao fato de os

²⁹ <https://www.instagram.com/rioh2k/>
<https://www.facebook.com/rioh2k/>

mesmos serem ou terem sido dançarinos ou coreógrafos de artistas famosos^[30].” (CORREIA, SILVA, FERREIRA, 2017, p. 226).

Outro fato relevante a ser destacado sobre o assunto é que na divulgação dos artistas convidados, geralmente o evento não descreve o estilo ou técnica de dança que o artista ministrará em suas aulas. O que já indica uma outra característica do festival, que parece não ter a intenção de trazer estas pessoas para o evento pelo espontâneo desejo de inserir aulas de estilos específicos na programação dos workshops. Mas sim de ter a presença de artistas, coreógrafos, profissionais de renome, os quais acredita-se que irão contribuir para o alcance dos propósitos e premissas do evento. É possível encontrar alguns – poucos – materiais de divulgação em que se especificava sobre o que/do que seria a aula de alguns artistas. Mas ainda assim na maior parte das ações de propaganda do festival, eram predominantemente anunciados somente os nomes dos artistas, acompanhados de um breve currículo de suas realizações.

Tal conjuntura confere ainda a esses artistas convidados, uma maior liberdade para trazer ao festival suas próprias pesquisas artísticas, sem que precisassem se prender previamente a nomes, rótulos ou técnicas definidas. Inclusive possibilitando a estes profissionais ministrar workshops de diferentes estilos a cada aula que fossem trazer à programação. Uma vez que parece que o festival faz o convite ao profissional no sentido de solicitar que este faça presença no evento, e não necessariamente solicitando uma aula específica de alguma técnica ou estilo, o foco passa a ser a presença do artista, e não a presença de determinado estilo ou técnica na programação do evento. Dado este que acaba remetendo a uma ideia de personificação, em que a figura desses profissionais convidados, que são referências no universo da dança, acaba se sobrepondo à necessidade de inserção de certos estilos ou técnicas na grade de aulas do festival.

Por ser desde seu início um festival que incentiva e promove as Danças Urbanas, sua programação de workshops sempre foi quase que integralmente voltada para essa área e suas diversas direções. Contudo, em algum momento ao longo do desenvolvimento do evento, a direção do festival passou a considerar que seria interessante haver também aulas que trouxessem propostas para além das Danças Urbanas. Em 2016, por exemplo, houve aulas de

³⁰ Alguns dos artistas mencionados nos currículos dos professores são: Anitta, Britney Spears, Bruno Mars, Katy Perry, Madonna, Justin Timberlake, Queen Latifah, Soulja Boy, Usher, MC Kevinho, Maiara & Maraisa, entre outros.

Flexionamento³¹, Charme³² e Physical training³³. Logo, em 2017, foram convidados ao festival alguns professores de Sapateado, Afromix, Coco de Roda, Jongo, Samba e Zouk. Tudo isso apontava já para um possível caminho de ampliação desse evento, que acabou culminando, de fato, na mudança do próprio nome do festival, que a partir de 2018 suprimiu o termo “Danças Urbanas” e passou a se denominar “Festival Internacional de Dança”.

Foi neste ano que a direção do evento optou por evidenciar efetivamente algumas práticas de Dança Contemporânea na programação – ainda sem dizer que “as raízes ruelas tenham sido deixadas de lado”. Bruno Bastos, diretor artístico do festival, evidencia ainda um pretexto para essa ampliação: “Queremos que os dançarinos urbanos tenham outra visão e conheçam novas técnicas, assim como possibilitar a dançarinos de outros estilos maior contato com os estilos de rua. A ideia é estimular o diálogo e o intercâmbio”³⁴ (DUCIADE, 2018).

Ainda nesse período, a direção artística do festival fala sobre a inserção dessas aulas no evento pautada no desejo de “mostrar aos artistas de danças urbanas que há outras linguagens que podem aprimorar a técnica e criar novas possibilidades. Essa troca é enriquecedora para todos os bailarinos” (BASTOS in CUNHA, 2018). Mas uma questão aqui é: o que está sendo chamado de “aprimorar técnica”? E ainda, o que seria uma linguagem que aprimora a técnica dos praticantes de Danças Urbanas? Isso não dependeria direta e individualmente das aspirações e interesses de cada dançarino? É possível notar aqui, portanto, uma crença da direção do festival de que, entre outras práticas, a Dança Contemporânea seria algo que colabora com o desenvolvimento e aprimoramento dos dançarinos urbanos, gerando um tipo de raciocínio que assume a ideia de crescimento a partir do contato³⁵ com outra(s) dança(s).

³¹ Ministradas por Kauan Gracie, se trata de uma aula que trabalha flexibilidade por meio do princípio de relaxamento.

³² Ministradas por Jeff Antonio, se refere aos bailes black de Charme nascidos nos anos 80, nos subúrbios do Rio de Janeiro. Com sequências de passos marcados, o Charme, combina diversas influências negras – o Soul, o R&B, o Hip Hop – com um groove carioca e o suingue de cada um que dança.

³³ Método de preparação fitness específica para dançarinos, criada por Salah, dançarino francês.

³⁴ Aqui é possível notar que há uma visão que estimula o diálogo, e um tipo de intercruzamento entre práticas. Ao contrário por exemplo da visão de Frank Ejara (apud SANTOS, 2016, p.79), um dos principais disseminadores do termo “Danças Urbanas” no Brasil, que propõe essa nomenclatura iniciando um processo de “sistematização dessa dança, listando-a em diversos estilos com nomes e movimento próprios”. É uma noção que coloca as vertentes das danças urbanas em “caixinhas” separadas. Elas co-existem nesse campo, dividem espaço no grande “guardachuva” que abarca o termo “Danças Urbanas”, mas não confere a elas a possibilidade de cruzamento, diálogo ou alguma noção que estimula o intercâmbio.

³⁵ Importante ressaltar que esse não é um fenômeno que geralmente acontece de maneira natural ou orgânica. É uma possibilidade presente e passível de execução por qualquer pessoa, evento, projeto, criação, etc. E aqui, é uma escolha do festival realizar esse tipo de ação, portanto, uma escolha que não acontece de maneira espontânea, mas sim que parte de algum desejo ou premissa específica do evento.

A partir daí, entram na programação de workshops do Rio H2K em 2018 as aulas de Dança Contemporânea ministradas por Deborah Colker; Contemporary Fusion³⁶, ministradas por Cat Cogliandro de Los Angeles e o brasileiro Gabriel Braga; e ainda os intensivos de Gaga Classes com Bret Easterling, bailarino da Batsheva Dance Company de Israel, que ministrou aulas de Gaga People e Gaga Dancers³⁷, partes de uma metodologia de Dança Contemporânea desenvolvida por Ohad Naharin, diretor da Batsheva. Todas essas aulas, apesar de se aproximarem, ou estarem inseridas no contexto da Dança Contemporânea, compartilham de visões diferentes entre si. A própria lógica porosa (LAKKA, 2015) da Dança Contemporânea permite esse tipo de diversidade, mas seria um equívoco dizer que o festival escolheu essas referências a partir da premissa de que elas compartilham de um mesmo ponto de vista sobre a dança que criam e praticam. Já que é possível notar que estas referências possuem diferentes leituras sobre Dança e Dança Contemporânea.

Na Dança Contemporânea de Deborah Colker, por exemplo, é possível perceber uma expressiva aproximação com certos conceitos e códigos do Balé Clássico. No Contemporary Fusion trazido por Cat e Gabriel, já se nota uma aproximação com aspectos e linguagens de Danças Urbanas, trazendo a ideia de fusão como premissa central, de algo que é híbrido, que dialoga com um olhar contemporâneo sobre dança, traz referências das Danças Urbanas, e que mesmo assim ainda é percebida de maneiras diferentes em cada corpo de quem a pratica. Diferente ainda das práticas de Gaga que trazem outras propriedades, muito particulares, se colocando como uma linguagem prática multisensorial de treinamento em dança³⁸.

A dança na contemporaneidade, com suas produções artísticas regidas a processos variáveis, tem solicitado de seus bailarinos não apenas uma técnica de dança, mas, sim, técnicas, de modo que o intérprete disponha de múltiplos repertórios de movimentos. Assim sendo, o seu treino corporal também pode ser híbrido, aglutinando diversas práticas de dança, bem como forte investimento nas leituras, apreciação de espetáculos e vídeos a fim de ir, paulatinamente, construindo e ampliando suas potencialidades cênicas (SOUZA, 2015 p. 36).

Como colocado por Souza (2015), atualmente a produção em dança tem caminhado pelos mais diversos e variáveis caminhos de criação, o que acaba por solicitar aos artistas experiências múltiplas em dança, que possibilitam a criação e o desenvolvimento de corpos e

³⁶ Link para acesso à registros das aulas da modalidade realizadas no Rio H2K: https://www.instagram.com/p/BjsGPgvIjRJ/?utm_source=ig_web_copy_link (com Cat Cogliandro) e <https://www.instagram.com/p/Bw2qeZFFEMZ/> (com Gabriel Braga).

³⁷ As aulas Gaga People não possuem pré-requisito e são abertas a todos aqueles com interesse em dança e experiências do movimento. Já as aulas Gaga Dancers são voltadas para dançarinos profissionais.

³⁸ <https://www.gagapeople.com/en/about-gaga/>

corporeidades versáteis e adaptáveis aos mais diversos tipos de propostas. Caso que, por conseguinte, se torna uma tendência de formações híbridas em dança, salientado também por Souza:

Neste contexto [...] pensamos o híbrido [...] não apenas refletindo sobre o acúmulo de técnicas corporais, mas no ajuntamento de vivências e processos metodológicos que, ao serem introduzidos nos cursos livres de dança, possam contribuir para construção de corpos mais disponíveis para dançar obras coreográficas, sejam elas híbridas ou não. (SOUZA, 2015, p.40).

Quem realiza o desenho da programação desses workshops e artistas convidados do festival – no caso, a diretoria geral ou artística, provavelmente – ao propor a aproximação dos praticantes de Danças Urbanas com artistas e aulas do espectro da Dança Contemporânea, criam – de forma consciente ou inconsciente – essa noção da valorização das formações híbridas em Dança. Impulsionando a criação dessa plataforma que dispõe de práticas múltiplas e evidenciando a relevância de um contexto de formação que agregue cruzamento entre práticas.

O artista da dança, se produz no intercruzamento dos diferentes espaços de formação, informação, criação, produção e difusão onde ocorrem estudos, pesquisas, experiências e práticas estético-artísticas as quais deverão ser constantemente problematizadas, contextualizadas, em suas dimensões estéticas, culturais, educacionais, sociais, econômicas e políticas (TERRA, 2010, p.75 apud SOUZA, 2015 p. 43).

A ideia de criar um espaço que possibilite a formação em várias técnicas, estilos e práticas seria, portanto, um tipo de estímulo e interferência direta na produção, transformação e desenvolvimento das corporeidades que irão surgir a partir do contato entre elas. Existindo essa inclinação do festival pela aproximação com técnicas que apontam para a ótica da Dança Contemporânea, é possível presumir que as corporeidades dos dançarinos serão diretamente interferidas por ela.

Nesse âmbito, a direção artística é quem define o quadro das ações pedagógicas do evento, uma vez que a instância da curadoria parece não interferir nesse eixo. Contudo, as ações pedagógicas mantêm uma certa coerência com o desenho da ação artística desenvolvida na mostra de espetáculos. Sendo que, no momento em que o festival aparenta direcionar e sinalizar para uma aproximação com a Dança Contemporânea, estes dois eixos (ações pedagógicas e artísticas) caminham juntos. E quem faz essa mediação entre os eixos do festival é justamente a direção do evento.

2.2. Pensamento curatorial e a mostra de espetáculos

Etimologicamente, a palavra “curadoria” vem do latim “*curator*”, significando aquele que administra, que tem cuidado e apreço, e que, por sua vez, relaciona-se com os conceitos de zelo e atenção a algo. Mas numa curadoria artística para um festival de dança, esse apreço e zelo seria direcionado a quê e a quem?

A curadoria de um festival, de certa forma seleciona o modelo que o evento apresentará, através da criação de sua programação, e da seleção de companhias, espetáculos e profissionais que irão compor sua grade da mostra. Podemos dizer que a prática curatorial, não só, mas principalmente de um festival como o Rio H2K, é diretamente relativa ao posicionamento que o evento adota, sobre si mesmo, sobre o que deseja comunicar, sobre suas linhas de pensamento, relações estabelecidas, e principalmente sobre o que deseja que seja/esteja associado à sua própria imagem. Desse modo, o curador é então o profissional que vai realizar as deliberações sobre tal posicionamento do festival, dizendo qual será o artista e o tipo de criação em arte que vai querer valorizar mais naquela determinada edição, dar mais destaque, visibilidade e oportunidade do seu público se relacionar: “a figura do curador toma vulto, tornando-se ele mesmo um agente legitimador da arte.” (VIEIRA, 2010, p. 21).

A pessoa responsável por essa curadoria, se torna, portanto, o agente intermediador direto entre artista e público, exercendo esse papel de estabelecer o que deseja que seu público veja, e até mesmo fazendo um recorte sobre qual público-alvo almeja que sua ação atraia³⁹.

Oguibe (2004, p. 11) distingue como um dos tipos de curador o “corretor cultural”, apontando-o como aquele que “emprega seus conhecimentos, autoridade e contatos direcionando-os à arte e aos artistas, que podem não ter acesso imediato [...] ao público, de modo a fixar-se no papel de agenciador cultural intermediário”. Como mediador, o curador promove o acesso do artista a plateia, aproximando-os. Assim, atua como um facilitador capaz de gerar visibilidade e reconhecimento para determinados profissionais e obras. (XAVIER, 2020, p.31).

Em uma perspectiva, um curador exerce a função (de uma certa maneira egoísta) de dizer e definir quais serão os artistas e trabalhos que terão a oportunidade de obter a visibilidade e, possivelmente, reconhecimento de seu público. Por outra perspectiva, o curador é o agente encarregado de mostrar para o público qual é o tipo de criação em arte que representa o projeto, empreendimento, evento do qual está fazendo parte – desse modo, desempenhando um cargo

³⁹ A direção do festival também exerce um determinado papel nessa função, mas por enquanto vamos nos ater a posição da curadoria.

de valorizar, ou até superestimar seu evento, dependendo da criação e dos artistas que escolher por inserir no projeto. Assim, a curadoria é o processo que realiza o intermédio entre evento-artista-público, e o curador, portanto, é a pessoa responsável por fazer essa mediação.

Entre artistas, os curadores podem ser vistos como uma porta de entrada para visibilidade, cujo reconhecimento pode assegurar sucesso para o artista. Considerando que, de certo modo, os curadores assumem uma posição de legitimadores do fazer artístico, já que além de determinarem quais propostas farão parte de sua programação através de uma análise crítica e técnica, também apresentam o que acreditam ser relevante, ou que faça mais sentido que seu público tenha acesso naquele momento.

Além disso, o curador pode também exercer um certo tipo de influência sobre os trabalhos artísticos que poderão ser criados a partir dali. Ou seja, ao colocar um tipo específico de criação em dança para ser visto em seu festival, ao mesmo tempo que incentiva esse tipo de produção, influencia a criação de mais trabalhos semelhantes a este e molda em certa maneira o gosto do seu público. Ainda pode também “influenciar um pequeno nicho de gosto ou chegar perto de mudar as inclinações culturais de todo um *zeitgeist*^[40] como consequência apenas do potencial de visibilidade” (OGUIBE, 2004, p.7). Ainda nesse sentido, Oguibe aponta:

[...] devido à habilidade do curador [...] de trazer visibilidade ao trabalho e aos artistas de seu interesse, às vezes eles se tornam capazes de influenciar a direção da produção artística. Já que sua definição de formas válidas se prende à aceitação, ao reconhecimento e às vezes ao sucesso financeiro, a produção dos artistas começa a oscilar na direção de tais formas, e pode emergir um estilo totalmente novo, conduzido por essas definições. O curador torna-se uma influência dúbia sobre a cultura. (OGUIBE, 2004, p.6).

Através da mostra de espetáculos e desse viés da mediação entre evento-artista-público, os espaços e caminhos de apresentação podem servir não apenas como apresentação de tal manifestação artística a um público de espectadores, mas também como uma plataforma de legitimação e validação crítica e mercadológica de tais artistas e obras. Sendo assim, a curadoria pode auxiliar o evento a se tornar uma plataforma de empreendimento cultural, atraindo apoiadores e um público constantemente crescente.

As mostras de espetáculo passam a fazer parte da programação do Festival Rio H2K em 2015, com trabalhos de grupos profissionais nacionais e internacionais convidados,

⁴⁰ Termo alemão cuja tradução significa espírito da época, espírito do tempo ou sinal dos tempos. Significa, em suma, o conjunto do clima intelectual e cultural do mundo, numa certa época, ou as características genéricas de um determinado período de tempo.

selecionados pela curadoria do festival, realizada pelo diretor artístico Bruno Bastos e o curador Guy Darnet. Por ser um evento voltado para as Danças Urbanas, é esperado que os espetáculos apresentados sejam criações dessa área, ou que de alguma maneira dialoguem com aspectos dessa perspectiva urbana de dança. E de fato a maior parcela destes trabalhos de grupos e artistas apresentados na mostra do evento se encontra realmente no panorama da produção de Danças Urbanas.

A criação de espetáculos e obras coreográficas de maior duração são na verdade algo relativamente novo para essa área das Danças Urbanas. Sendo uma manifestação que surge a partir de manifestações culturais populares, periféricas, do contexto da Cultura Hip Hop, de batalhas, competições, etc., esse formato de “espetáculo” é um tipo de criação que começa a surgir e se desenvolver somente em meados da segunda metade da década de 1990 (GUARATO, 2010). Evidentemente a produção atual de Danças Urbanas tem crescido e se expandido cada vez mais, para os mais diversos horizontes de ação e criação, contudo, ainda é uma conjuntura emergente e em constante processo de renovação e transformação.

Dessa maneira, por conta da relação com aspectos cênicos nessas criações, sendo apresentadas num palco italiano, com concepções de iluminação, cenografia, dramaturgia, etc, a proposta de apresentar espetáculos de Danças Urbanas, pode já ser vista como um ponto de aproximação com outras áreas. Assim, uma dança que originalmente não foi desenvolvida para um contexto cênico, passa a ocupar também esses espaços. Por isso também o desejo fundamentado do festival de disseminar e estimular a produção desse tipo de criação para a área das Danças Urbanas.

É possível destacar nas edições das mostras - inseridas no festival em 2015 -, a presença dos espetáculos dos grupos franceses Cie. Käfig, Paradox-Sal, a brasileira Companhia Híbrida, entre diversos nomes - companhias que possuem em comum o fato de terem sua base técnica pautada em Danças Urbanas como o Hip Hop Dance, o Breaking, o Popping, o House Dance e o Krumping, mas que organizam estes materiais em cena de um modo estranho a quem apenas pratica Danças Urbanas. Além disso, há uma significativa parcela de trabalhos nessa mostra que se aproximam de aspectos e estruturas cênicas do horizonte da Dança Contemporânea, ou que pautam suas criações a partir de aproximações entre Danças Urbanas e Dança Contemporânea - podendo ser destacadas as francesas Cie. S'Poart e Cie. Zahrbat, e o brasileiro Grupo de Rua, do diretor e coreógrafo Bruno Beltrão.

Como foram mais bem descritas no primeiro capítulo, todos esses grupos, de alguma maneira tensionam algum tipo de contato entre essas duas danças, dentro de seus espetáculos. O que afirma ainda mais a existência de um interesse do festival em abranger e contemplar criações que ultrapassam as linhas do campo das Danças Urbanas, criando esse tipo de diálogo com outras manifestações. Sobre a pertinência desse tipo de proposta no evento, o diretor geral Miguel Colker exemplifica:

[...] a Cie Zahrbat nasce num país importante para o cenário da dança de rua, que é a França, um país que já vê a dança de rua com um olhar profissional, um olhar que reconhece que dessa arte podem surgir trabalhos que podem levar a França para o mundo. (FESTIVAL, 2017).

Desse pequeno trecho é possível suscitar algumas questões quanto a essa motivação da direção do festival: o que está sendo chamado de trabalho “profissional”? Quais são os parâmetros para definir isso dentro do campo das Danças Urbanas? Estar no teatro? Lidar com aspectos de composição da dança cênica? De qual dança cênica? E ainda, por que dar tanto destaque para as produções francesas, quando há inúmeras produções de relevante qualidade sendo executadas em outros diversos lugares? Há alguns fatores importantes a serem observados quando voltamos o olhar para o pensamento curatorial exercido no Rio H2K. Será que existe algum fator que foi determinante para a escolha da curadoria por inserir trabalhos desse viés no festival? O H2K sempre se promoveu e se posicionou como um evento que proporciona encontros que contribuem para a cena das Danças Urbanas no Brasil, portanto, é evidente que algo aconteceu no meio do caminho entre o desenvolvimento das edições, que fez a direção do festival perceber que talvez houvesse algo na Dança Contemporânea (entre outras práticas que também passaram pela programação do evento) que poderia ser relevante para a cena das Danças Urbanas no Brasil, transformando e remodelando cada vez mais o caráter do festival, até o momento em que ele se torna um “Festival Internacional de Dança”.

De fato, a França é um grande expoente de Danças Urbanas, e mais ainda, é possivelmente um dos países com maior quantidade de profissionais e grupos de dança que trabalham com um viés da interação entre Dança Contemporânea e Danças Urbanas – porém não é o único. Desse modo, é evidente a influência que o curador francês Guy Darmet exerceu no desenvolvimento desta proposta do evento. Por um determinado período, o festival acabou assumindo como uma de suas características a promoção de um intercâmbio entre artistas e companhias de Danças Urbanas brasileiras e francesas, estabelecendo inclusive, relações diretas com embaixadas e consulados franceses no Brasil, que apoiam e incentivam esse

intercâmbio entre os países, e até mesmo vinculando seu projeto à Câmara de Comércio França-Brasil. Como Lakka salienta,

Nestes países tem surgido com frequência novos criadores com um histórico corporal e um arsenal de códigos ligados as Danças Urbanas. Além dessa possibilidade, criadores que mesmo não tendo sua genealogia ligada a esse universo tem se aproximado dele utilizando corporeidades, indivíduos, técnicas ou questões originárias da Cultura Hip Hop em suas criações. (LAKKA, 2015, p. 2).

Ainda, ao observarmos a atuação de Guy Darnet na curadoria do Rio H2K, é inevitável perceber que sua experiência com a Bienal de Dança de Lyon pode ter construído um tipo de olhar para a dança, que ele começou a mover também no H2K. Desde 2015, quando passa a atuar no processo curatorial da primeira mostra de espetáculos do festival, é evidente a proximidade dos tipos de criação que colocou para serem apresentados no evento, com aspectos e formatos de apresentação que são comumente vistas na Bienal de Lyon. É possível perceber ainda que até 2017 a maior parte da mostra se dava com apresentações de grupos e artistas franceses – que em sua maioria, inclusive já se apresentaram na Bienal por algumas vezes antes de trazer seus trabalhos aos palcos do Rio de Janeiro, no Rio H2K. Ou seja, a atuação de Guy Darnet no evento se deu através de propostas notavelmente muito influenciadas pelas proximidades e afinidades dele – o que não é um dado para ser julgado de forma positiva ou negativa, mas sim que aponta uma característica no modo pelo qual esse profissional exerce sua função.

Na tentativa de tentar observar ainda algum desdobramento dessa estratégia curatorial, é possível perceber a influência desse tipo de criação na mostra *Novos Rumos*, por exemplo. Nesta plataforma do evento que seleciona espetáculos de companhias jovens e artistas amadores, a qual foi implementada em 2016 e aconteceu também em 2017, é possível notar uma certa semelhança, ou proximidade, de aspectos dos trabalhos com noções vistas com mais frequência no universo da Dança Contemporânea. Ou melhor, longe de tentar julgar o que é ou não uma noção de Dança Contemporânea, é possível perceber um olhar contemporâneo de dança atuando sobre as criações desses grupos e artistas⁴¹. Muito próxima do tipo de olhar trazido nas criações das companhias profissionais que se apresentaram na mostra até então. Ou seja, a inserção desses trabalhos que de algum modo tensionam um tipo de relação entre Danças Urbanas e Dança Contemporânea no festival, podem ter sido influências nas criações artísticas

⁴¹ Como por exemplo o grupo DançaRio e o Brainstorm Dance Company, citados no subcapítulo 1.3., que inclusive já trazem dentro de suas falas sobre os respectivos trabalhos algum vestígio desse tal “olhar contemporâneo”.

desses novos grupos – apontando na prática, o modo como a curadoria pode influenciar a criação de modelos e direção das produções artísticas (OGUIBE, 2004). Nesse tipo de situação acontece que uma curadoria define o que vai ser a base de um festival e, normalmente, os artistas/grupos/público têm de se ajustar/comportar/organizar conforme esta base para não serem retiradas da cena. É como uma espécie de seleção natural de Darwin, onde o organismo mais apto sobrevive e passa suas características aos descendentes - mas que nesse caso não acontece de modo tão natural assim. Ainda nesse sentido, é possível exemplificar esse modo de influência a partir de reflexões do antropólogo Marcel Mauss:

A criança, como o adulto, imita atos que obtiveram êxito e que ela viu serem bem-sucedidos em pessoas em quem confia e que tem autoridade sobre ela. O ato impõe-se de fora, ainda que seja um ato exclusivamente biológico e concernente ao corpo. (MAUSS apud GUARATO, 2010 p.75)

Outra noção a ser colocada para reflexão nesse momento, é a proximidade que pode ser considerada entre os conceitos de júri e curadoria. Trazendo como referência um texto de Rafael Guarato (2007), em um trecho em que ele discute a relação dos festivais com o desenvolvimento da história da Dança de Rua - num recorte específico sobre a cidade de Uberlândia e o Festival de Dança do Triângulo -, ele aponta que este festival nunca havia tido, até então, em seu corpo de jurados algum “especialista” ou profissional ligado especificamente a Danças Populares ou a alguma manifestação cultural que se aproximasse da Dança de Rua que estava acontecendo naquele momento:

Sendo que todos os jurados lançavam notas para todos os grupos, ou seja, uma coreografia de Balé de repertório era avaliada pelas mesmas pessoas que julgavam a dança de rua e sapateado por exemplo. O interesse em demonstrar essas formações, é defender a tese de que os grupos de dança de rua eram avaliados por pessoas que nada, ou muito pouco, sabiam acerca de tal manifestação cultural, ao contrário, os jurados conseguiram um pouco de conhecimento a respeito da dança de rua por meio dos festivais. Por isso a inserção de “aspas” quando falo em “especialistas”, haja vista que de fato essas pessoas entendiam de dança sim, mas de qualquer outra que não fosse a dança de rua. (GUARATO, 2007, p.115).

Posto isto, é possível dizer que Guy Darnet também não é um “especialista” em Danças Urbanas, então por qual motivo ele foi escolhido pela direção do festival para exercer esse cargo? Repetindo uma citação do diretor geral do Rio H2K, Miguel Colker diz que:

Guy tem um olho clínico para as coisas. Esse cara criou um dos maiores festivais de dança do mundo. E percebeu a importância do papel da dança urbana antes de todos os outros festivais, em todos os lugares. É um olhar de aceitação: é da rua, mas pode ser levada ao teatro (RUBIM, 2014).

Ao observar essa fala, é possível notar que a direção não estava, portanto, interessada somente em colocar algum profissional da área das Danças Urbanas para cuidar da curadoria de seu evento. O desejo era de valorizar essas danças num status de arte, inseri-la num patamar de maior importância para essa manifestação cultural que “é da rua”, levando-a a ocupar palcos e teatros prestigiosos do Rio de Janeiro. Já que, para as danças cênicas, esse é um exemplo de espaço em que se encontram as condições requisitadas pelos dançarinos, o status, o mérito, o reconhecimento de sua arte.

Em outros termos, é preciso entender que a Dança Contemporânea e outras danças cênicas, como o Balé Clássico, possuem o status de arte bem reconhecido e delimitado por muito mais tempo do que as Danças Urbanas. Por isso, colocar no festival uma figura como Guy Darnet, que dispõe de tamanha experiência na condução de um festival tão relevante como a Bienal de Lyon, parece ter sido visto como uma influência importante nesse sentido de prestigiar e estimar as criações em Danças Urbanas. Contudo, ao mesmo tempo, pode dar-se a entender que a validação dessas criações se daria somente – ou principalmente – por um viés atrelado a alguma dessas outras práticas e manifestações artísticas. Fato que, por um caminho totalmente contrário ao intuito da direção do evento, pode parecer que as Danças Urbanas estão sendo de fato lidas em um patamar mais baixo no status artístico, mercadológico e legítimo da dança cênica, com relação à outras manifestações.

Os Festivais é um dos campos no qual essa dança de rua irá dialogar com novas características estéticas de dança, arranjos hegemônicos, alteram-se os costumes, através de dicas apresentadas e cobradas pelos “especialistas”, que forneceram dados que não faziam parte do universo da dança de rua até então. (GUARATO, 2007, p. 120).

Ainda fazendo alusão à figura do “especialista” colocada por Guarato, como a figura do curador aqui nesse contexto, esse agente estaria fornecendo os dados sobre um tipo específico de produção, não no sentido de “cobrar” algo, mas sim de apresentar uma possibilidade pela qual as Danças Urbanas poderiam obter “sucesso” e alcançar esse status artístico tão prestigioso quanto qualquer outra dança. Não me parece que o festival tenha o desejo de impor algo aos seus espectadores, ou de pressionar artistas para a execução desse viés de produção em dança. Mas de uma forma ou de outra, a curadoria determina qual será o artista e o tipo de criação em arte que vai querer valorizar, dar mais destaque, visibilidade e oportunidade do seu público se relacionar. Portanto, influenciando diretamente a direção das produções artísticas que almejem ou ocupar aquele espaço, ou se aproximar de alguma proposta de mostra de espetáculos parecida com a oferecida pelo Rio H2K.

2.3. Direção artística como estruturadora do evento

Como trazido de forma breve nos subcapítulos acima, é possível dizer que a direção artística de um festival como o Rio H2K, é diretamente ligada ao eixo que estrutura e constrói um delineamento, o layout e a “cara” do evento como um todo, criando conexões entre todas ações propostas (tanto artísticas como pedagógicas) e seguindo uma linha de pensamento que faça sentido para com os objetivos e conceitos do evento. A direção seria, portanto, a instância que dialoga com a curadoria na montagem da mostra, e cria pontes que conectam todos os eixos do festival - desde workshops, até batalhas, júris de batalha, showcase. Portanto, acredita-se que essa disposição para o desenvolvimento de propostas que aproximem Danças Urbanas e Dança Contemporânea nas plataformas do evento tenham partido principalmente da direção do festival.

Ao inserir espetáculos de Danças Urbanas, de artistas nacionais e internacionais, nos palcos mais prestigiosos do Rio de Janeiro, o evento evidencia ainda mais seu propósito com o desenvolvimento e crescimento da cena e dos praticantes de tal estilo de dança no Brasil, informando para seu público que é possível ocupar aquele lugar com sua dança – de origens evidentemente periféricas –, e se profissionalizar através das múltiplas possibilidades de produção que ela propicia. Apresentando ainda alguns formatos de trabalhos que funcionam através do viés da interação entre Danças Urbanas e Dança Contemporânea, revela-se para esse público a versatilidade de possibilidades de criação em dança, e mais ainda, a afirmação de como a versatilidade de estudos, estilos e técnicas contribui para um dançarino, e suas criações e/ou produções.

Fatos estes, que evidenciam pelo menos duas questões demonstradas pela direção do festival nesse momento: a aproximação com companhias francesas e brasileiras, que possuem uma carreira internacional, evidencia o intuito em internacionalizar e promover cada vez mais intercâmbios e trocas entre artistas internacionais e nacionais no evento; e a proximidade das proposições com certos aspectos da Dança Contemporânea. Mas por que a Dança Contemporânea? O que ela tem, traz, aborda ou possui que pode ser de valor tão estimado para as Danças Urbanas, na visão do Rio H2K? Uma possível resposta é trazida por Lakka, ao apontar para as relações entre dança e financiamento de arte no Brasil:

É possível afirmar que a Dança Contemporânea no Brasil se tornou a manifestação de Dança hegemônica do ponto de vista do financiamento público, pois esteve presente na elaboração, na seleção e por fim foi a que mais alcançou financiamento. Sendo assim é perceptível a expansão deste mercado com o

surgimento de inúmeros festivais, mostras, criadores, intérpretes, grupos, coletivos e cias (LAKKA, 2015, p. 9).

É possível perceber que de fato há um desejo do festival em estimular a profissionalização desses praticantes, artistas, e um meio apresentado como possibilidade para isso são as criações de obras e espetáculos. Que, se dialogam com uma manifestação mais bem posicionada no status artístico, mercadológico e financeiro da produção em dança, pode acionar e atingir espaços que não seriam tão facilmente atingidos sem tal diálogo. Além do que, a vasta gama de possibilidades e perspectivas diferentes que a Dança Contemporânea pode contemplar pode se tornar atrativa como ferramenta de inovação e renovação para a área.

No entanto, não são todos artistas e praticantes de Danças Urbanas que têm oportunidades e conseguem frequentar o ambiente da Dança Contemporânea. Por isso, talvez, a intenção de promover no festival um espaço formativo, com ações pedagógicas e artísticas que possibilitam esses encontros, aproximações e contatos com manifestações diversas. Como ação pedagógica, na prática, seriam nos workshops com artistas da Dança Contemporânea, do Contemporary Fusion, e outros, que os dançarinos teriam de fato a oportunidade de experimentar se relacionar com um tipo de movimentação díspar às normalmente praticadas das Danças Urbanas. Já a mostra, seria o espaço onde tal prática estaria aplicada como criação e produção, evidenciando o viés da profissionalização através dessa plataforma para espetáculos.

A Dança Contemporânea sendo um tipo de manifestação essencialmente híbrida, por não negar praticamente nada e dispor de uma lógica que permite abranger as mais distintas manifestações e conceitos, pode permitir também que as criações acompanhem, e estejam em consonância com o desenvolvimento, inovações e renovações constantes que a dança passa na contemporaneidade. Nesse mesmo sentido, Cássia Navas (2013, apud SOUZA, 2015, p. 39) afirma que todas as danças são construídas por misturas, elaboradas por corpos que possuem trajetórias distintas, mas que em algum momento inevitavelmente se inter cruzam com outros elementos. Sendo assim, o hibridismo seria um conceito inevitável, e que possibilitaria um vislumbre de (in)formações criativas e abertas ao diálogo com questões do tempo em que se está inserido. Possibilitando a construção de corpos com mais “potenciais para viver a dança” (SOUZA, 2015 p. 40).

Nessa perspectiva é cabível dizer que não há nenhuma criação presente na mostra que não se aproxime de aspectos da Dança Contemporânea em alguma medida. Há a Cia. Deborah

Colker que é presente num circuito específico de Dança Contemporânea - e ainda, num recorte pedagógico, as aulas de Gaga Classes que também fazem parte de um outro circuito específico da Dança Contemporânea. Contudo, as apresentações de grupos como a Companhia Híbrida, o Grupo de Rua e a Cie. Kafig por exemplo, apesar de pautarem suas criações em maiores aspectos das Danças Urbanas, eles não circulam por espaços específicos e comuns desse universo (como festivais competitivos e batalhas, por exemplo). Por isso, mais do que analisar e pensar na estrutura coreográfica dessas figuras (o que seria uma discussão muito mais complexa a se apresentar), talvez seja importante entender que essas produções não ocupam nem frequentam espaços importantes do Hip Hop ou das Danças Urbanas. Talvez os bailarinos individualmente possam frequentar e estar inseridos nesses espaços, mas a figura das companhias, como um coletivo, e com esse formato de espetáculo, frequentam circuitos muito mais próximos da Dança Contemporânea do que do universo Hip Hop.

Nesse sentido, a direção artística do Festival Rio H2K acaba aproximando sua plataforma de aspectos do universo da Dança Contemporânea quase que de maneira espontânea, ao evidenciar a iniciativa de internacionalização, estimular a valorização de uma formação híbrida em dança, e indicar os espetáculos como caminho de profissionalização e financiamento.

CAPÍTULO 3

REVERBERAÇÕES DA DANÇA CONTEMPORÂNEA NO RIO H2K

3. REVERBERAÇÕES DA DANÇA CONTEMPORÂNEA NO RIO H2K

A partir então dos levantamentos e discussões sobre o Festival Rio H2K, é possível notar uma significativa presença de propostas que se aproximam da Dança Contemporânea na programação do evento. Tanto na mostra de espetáculos quanto na grade de aulas, desde 2015 o festival vem tensionando esse tipo de interação entre as Danças Urbanas e a Dança Contemporânea. Ao que tudo indica, essa proposta de aproximação parte de notável desejo de expansão do evento, interesse na sua internacionalização, estímulo às possibilidades de profissionalização e ampliação dos horizontes de abrangência do festival para além dos limites das Danças Urbanas. Por diversas vezes foi apontado o desejo dos diretores deste festival em estimular um intercâmbio, diálogo e vivências em outras linguagens para os artistas de Danças Urbanas, sugerindo a ideia de que estas vivências que vão para além de suas áreas, podem aprimorar a técnica e criar novas possibilidades, enfatizando uma troca que pode ser enriquecedora para todo seu público. Mas qual a reverberação dessa proposta de intercâmbio, na prática?

Dentro deste contexto de estudos e formação em Danças Urbanas, é comum ouvir-se falar sobre a importância de criar e desenvolver corpos versáteis, que possuam experiências diversas e uma bagagem em dança que proporcione um corpo versátil, adaptável e em constante evolução, o que permitirá a tal dançarino uma maior adaptabilidade a propostas em dança, do mercado, da área e do campo que desejar alinhar-se e profissionalizar-se. Sobre isso, os autores Fernandes e Garcia (2015) apontam para o tipo de formação que sugere um direcionamento para o mercado de trabalho:

Se as escolas artísticas promovem formações direcionadas para o mercado de trabalho e para a formação do bailarino, intérprete e criador [...], a abordagem multifacetada das Técnicas de Dança Contemporânea é fundamental, para o desenvolvimento da maturidade e versatilidade patente ao “tecido” profissional artístico. (FERNANDES e GARCIA, 2015, p. 54).

Assim, é defensável que cursos e plataformas de formação em dança como o Rio H2K disponham de uma diversidade de opções de caminhos de estudo, oferecendo aos praticantes a escolha do percurso mais adequado de acordo com seus objetivos artísticos e profissionais. A pluralidade e versatilidade torna-se, portanto, um ponto relevante na formação artística do dançarino, visto que se faz importante “no panorama atual do mercado de trabalho, começar a formar bailarinos/intérpretes menos formatados em termos do estilo de movimento e linguagem

ens, mas mais versáteis e polivalentes, seja em termos de execução, interpretação e/ou criatividade.” (FERNANDES e GARCIA, 2015, p. 54).

Cada uma das duas, Danças Urbanas e Dança Contemporânea, por si só já são manifestações autônomas e estabelecidas na contemporaneidade, que dispõem de suas próprias regras de organização, são independentes, e incontestavelmente não necessitam uma da outra – nem de nenhum outro agente externo a si – para existirem, acontecerem e se desenvolverem de modo próspero. Porém, ao mesmo tempo, nada impede que as duas se conectem (assim como qualquer outra manifestação artística), dialoguem, interajam entre si e criem outras noções e modos de ver, fazer e pensar dança. Então, aparentemente o festival enxergou nessa aproximação alguma medida de potencial para crescimento, tanto do próprio evento, quanto da cena das Danças Urbanas no Brasil.

Sabemos que a todo momento há Danças Urbanas sendo criadas e desenvolvidas no mundo – como o Twerk, ou o Passinho no Brasil – ou sendo redescobertas pela sociedade, como foi o caso do Dance Hall da Jamaica. O que se pode dizer de fato é que as Danças Urbanas se comportam como um elemento vivo, que se coloca em constantes transformações, e que desde suas primeiras manifestações emerge da cultura popular e urbana, portanto onde quer que chegue, provavelmente dialogará com as culturas, ações, projetos, estilos e manifestações locais, proporcionando novas criações e possibilidades de expressões. A autora Ana Cristina Ribeiro (2014) ressalta ainda que é possível afirmar que a própria “Cultura Hip Hop pode ser retratada como uma cultura híbrida, que nasceu com influências de seu meio e está em constante transformação, agregando novas linguagens que podem ser tratadas como novos elementos” (RIBEIRO, 2014 p.46).

Isto posto, é possível dizer então que o festival estimula a criação de novas manifestações, distintas das Danças Urbanas, mas que se alimentam e/ou se inspiram nela, a partir dessa proposta de interação com outros estilos, como a Dança Contemporânea. A apresentação dos espetáculos do Grupo de Rua de Bruno Beltrão, e da francesa Cie. Zahrbat, por exemplo, já pode tratar-se de um indício desse estímulo. Além disso, é a partir desse tipo de intercâmbio que aparece também o exemplo do Contemporary Fusion – trazido ao festival através de Cat Cogliandro e Gabriel Braga.

Não é possível encontrar uma origem, ou uma história mais delineada sobre o Contemporary Fusion, mas diversos sites e blogs de dança o definem como “um tipo de dança

contemporânea que combina diferentes estilos de dança para criar uma nova estética” (WIKIPEDIA, 2021) – nesse caso envolvendo de maneira mais frequente influências urbanas e contemporâneas de dança. Podendo envolver a criação de um novo estilo de dança, combinando estilos existentes ou ambos, o Contemporary Fusion se caracteriza principalmente por permitir que cada artista e/ou coreógrafo traga sua própria bagagem de formação em dança (e arte em geral) para dentro das criações, fazendo com que cada profissional crie sua própria assinatura e personalidade dentro do estilo. Outra grande característica é o modo como utilizam da musicalidade, muito próximo e parecido ao modo como o Hip Hop Dance – entre outras manifestações de Danças Urbanas – usam e enfatizam a relação entre movimento e música.

No festival, as aulas de Contemporary Fusion foram tão bem recebidas num primeiro momento em 2018, que retornaram em 2019 com os mesmos profissionais, que ainda inseriram um programa intensivo de aulas, o “Soul Sync”, na grade do evento, com a proposta de trazer “um tipo diferente de abordagem sobre a dança, sem rótulos ou formatos definidos”. Mas o que de fato fez com que o público do Rio H2K se afeiçoasse tanto a esse estilo de movimento? Foi o desejo de obter mais versatilidade? Foi o modo como tais profissionais abordaram esse estilo de dança? Foi a abordagem de movimentos “sem rótulos” que essa proposta trouxe? Não creio que seja possível afirmar somente um fato que fez o público se afeiçoar a esse tipo de criação em dança, já que muito provavelmente, foram vários os fatores que contribuíram para isso. Provavelmente todos os citados acima tenham agido em alguma medida, mas além disso, acredita-se na premissa de que os praticantes de Danças Urbanas – ou uma considerável parcela deles – tem tendido a buscar práticas, que, em geral, podem agregar valor à sua dança. Seja por um viés técnico, expressivo, somático, etc, alguns praticantes vêm há algum tempo explorando outras áreas da dança que julgam poder trazer algo novo para sua corporeidade, e que se pensado ou utilizado de determinadas maneiras, podem fazê-los se destacarem do restante da massa de dançarinos urbanos que vem crescendo tanto, no Brasil e no mundo.

A noção tradicional de Danças Urbanas é um conceito que segrega os estilos e técnicas, possui um tipo de organização no qual as danças têm suas próprias bases e não se misturam - convivem e são incluídas no mesmo guarda-chuva do termo “Danças Urbanas”, porém possuem fronteiras bem delimitadas entre si. Portanto não é uma noção híbrida, pois apesar de ser versátil e agregar vários estilos num mesmo tópico, não consente com uma fusão entre eles. O festival sinaliza uma mudança nessa concepção ao tentar trazer outras manifestações para dialogar com

as Danças Urbanas - borrando fronteiras entre as demarcações tão definidas anteriormente no desenho dessas organizações entre estilos e técnicas⁴².

Originalmente, Danças Urbanas é algo que confere uma segregação bem definida entre suas práticas. Já algumas outras perspectivas de dança, dispõem de fronteiras mais diluídas. A Dança Contemporânea, por exemplo, parece não querer conservar essas fronteiras tão demarcadas, apesar de abrangerem muitas possibilidades de estilos, técnicas e modos de se manifestar. Embora o festival tenha surgido como uma plataforma de Danças Urbanas, contemplando essa noção das fronteiras bem delimitadas, o evento vai tensionando para uma noção mais borrada de tal conceito, ao propor a interação e o intercâmbio com outras manifestações. Então dessa forma, ele de fato deixou de ser um festival de Danças Urbanas, e passa a ser um festival de Dança, ou mesmo de Danças.

Hoje é sabido que as várias práticas presentes dentro do campo das Danças Urbanas, apesar de por vezes possuírem códigos e bases técnicas muito definidas, ordinariamente oportunizam algum espaço para liberdade de criação dos dançarinos, coreógrafos, praticantes. E a Dança Contemporânea sendo essa manifestação tão diversa, em formatos, corpos, corporeidades, criações, linguagens, plataformas, etc, também viabiliza uma vasta superfície para interação com outras áreas. E este é um intercâmbio que pode ser visto por ambos os lados como algo com grande potencial para pesquisa, criação e produção de/em dança. Uma pode se alimentar da outra, se inspirar em aspectos da outra, usufruir de elementos e perspectivas que parecem “faltosos” em si e utilizar disso para crescer e agregar valor à(s) sua(s) pesquisas, criações, produções – evidentemente, sempre através da perspectiva e do olhar de cada pessoa artista que está (ou estaria) interessado nesse intercâmbio, nessa interface entre elas.

Sobre esse desejo do festival em se expandir e passar a contemplar ações que permeiam outras áreas além das Danças Urbanas, chega o momento em que ele passa a se identificar como um “festival de dança”. Nota-se que a mudança no nome do festival implica uma noção de singularidade, ao falar de “dança” e não “danças”. Nesse sentido, o evento parece querer inserir uma noção de fomento à prática em dança num geral, englobando manifestações e não segregando a diferença entre elas. Ao se transformar e se apresentar como um “Festival Internacional de Dança”, algumas implicações atingem, ainda, diretamente o público participante e espectador desse evento. E para pensar sobre o modo como essas implicações os

⁴² Assim como o Abstract e o Experimental que são exemplos de ações que também tentam borrar essas fronteiras, mesmo estando inseridas dentro do guarda-chuva das Danças Urbanas.

atingem, é preciso também pensar sobre o modo como se dá esse contato entre as Danças Urbanas e as outras danças, no contexto do festival.

Além do que, essas implicações na verdade podem atingir cada pessoa desse público de uma maneira diferente. Se pensarmos na hipótese de uma pessoa do público que já se identifica com essa versatilidade e esse desejo por estudar manifestações diversas em dança, este seria um recorte de público que ficaria satisfeito com as transformações do evento, e possivelmente ainda contribuiria para o crescimento e desenvolvimento dele. Já se pensarmos num tipo de praticante específico, que não tem nenhum desejo por estudar outras danças, mas sim de focar em se desenvolver em alguma área singular e restrita das Danças Urbanas, essa proposta de transformação do evento pode já não ser tão relevante, ou fazer tanto sentido.

Ainda sobre os modos como o público pode receber essas ações do festival, há muitas variáveis no caminho. Pensando numa lógica de comunicação - onde existe um emissor, uma informação a ser transmitida e um receptor de tal informação – são inúmeras as possibilidades de variação no caminho desta informação, que farão com que o receptor capte algo completamente diferente do que o emissor gostaria de comunicar. Se tratando de arte, isso já é um fator comum e frequente de ser observado. Porém, ao se tratar de um evento, que de certa maneira pode ser percebido também como um empreendimento cultural, é essencial que propósitos, anseios, desejos e ações sejam claras e objetivas para o público. Já que, caso contrário, há um grande risco de não se atingir os objetivos necessários, ou ainda de não atingir o público da maneira como gostaria. Porque ao observar a aproximação entre as duas danças, essa proposta pode se dar de um modo a dar/impôr um parâmetro para os artistas de Danças Urbanas. O que não parece ser o intuito do festival, já que ele se mostra muito mais preocupado em oferecer experiências e possibilidades diversas para o seu público de praticantes das Danças Urbanas, do que interessado em tentar impôr algo.

Contudo, é preciso entender que a Dança Contemporânea e outras danças como o Balé Clássico, possuem o status de arte bem reconhecido e delimitado por muito mais tempo do que as Danças Urbanas. Por isso, pode dar-se a entender que a validação das criações em danças urbanas se daria somente – ou principalmente – por um viés atrelado à alguma dessas outras práticas. Compreendendo que não é necessariamente um fato ruim a ação de se utilizar de outras manifestações para seu desenvolvimento e crescimento próprio. Porém, por uma perspectiva, isso coloca as Danças Urbanas num patamar mais baixo no status artístico, mercadológico e legítimo da dança cênica, o que pode então ser interpretado como um aspecto negativo disso.

O autor Rafael Guarato, ao descrever uma perspectiva do contexto histórico da Dança de Rua em Uberlândia, aponta um fato presente nesse sentido, sobre o grupo Balé de Rua e sobre possíveis razões para esta legitimação do status artístico:

O Balé de Rua passa a ser convidado [para o Festival de Dança do Triângulo], ele atinge um patamar diferente dos demais grupos de dança de rua, os quais não reconheciam tal grupo como o melhor, pois para os praticantes, o status de convidado deveria ser fornecido ou a um grupo que no momento estava sendo o melhor ou um grupo mais antigo [...]. Em segundo lugar enfoca a forma de dançar adotada pelo Balé de Rua associada aos espaços onde o grupo passa a executar suas obras, que são distintos dos que até então os grupos se apresentavam, o espaço que a gente circula hoje, os palcos, os festivais e os eventos onde a gente vai, é onde estão pessoas que estão fazendo uma outra dança contemporânea, mais intelectualizada. (GUARATO, 2007, p. 155).

Ou seja, nesse exemplo, o grupo Balé de Rua adquire um novo patamar no status artístico dentro desse contexto, e passa a atuar em espaços não tão comumente frequentados pelos praticantes desse tipo de dança até então. Por conta justamente da sua aproximação com o que foi chamado acima de “uma Dança Contemporânea mais intelectualizada”.

Ou na verdade, talvez esse nem seja o caso do Rio H2K. Talvez o festival só estivesse interessado em mostrar uma possibilidade de criação, de produção, de atuação artística. Talvez essa aproximação fosse na época um fenômeno ainda emergente, que o festival julgou ser de seu interesse incluir na grade do evento. Ou talvez nada disso tenha refletido de alguma maneira muito expressiva no público. Talvez ainda, espectadores e praticantes das Danças Urbanas possam decidir tomar essa manifestação como um estilo de vida e não arte oficial como as danças clássicas e contemporâneas – em uma noção muito próxima da concepção em dança de Klauss Vianna (2005), para quem dança e arte “se fundem com a vida”.

Por isso, a esta altura é importante avaliar como se dão as relações propostas, e como isso pode atingir o público. Tendo em vista que o corpo “se move sempre de acordo com esse algo que o ‘alfabetizou’” (KATZ, 1995, apud GUARATO, 2010 p.78) e considerando que o processo de “alfabetização” do corpo em dança se dá de maneira contínua, é possível dizer que as ações e proposições realizadas pelo Rio H2K no contexto das Danças Urbanas, interferem diretamente nesse processo de formação dos praticantes e do público que busca atividades formativas no evento.

Como dito anteriormente, cada uma das duas, Danças Urbanas e Dança Contemporânea, por si só já são elementos potentes, tanto para a área da dança quanto para a arte num geral, e incontestavelmente não necessitam de nenhum agente externo a si para serem reconhecidas e

desenvolvidas em um status legítimo de valorização à arte. Porém, ao mesmo tempo, nada impede que as duas – ou qualquer outro tipo de fazer artístico - se conectem, dialoguem, interajam entre si e criem outros modos de ver, fazer e pensar a dança. Esse fenômeno é uma possibilidade presente e passível de execução por qualquer pessoa, evento, projeto, criação, etc. Mas não pode ser tratado como algo que acontece de maneira natural ou orgânica. Aqui nesse recorte de pesquisa, é possível observá-lo a partir das escolhas do festival em realizar esse tipo de ação. Uma escolha, portanto, que não acontece de maneira espontânea, mas sim que parte de certos desejos e/ou premissas específicas do evento.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Um aspecto importante dos festivais é a classificação de formas plurais de dança em nomenclaturas fixas, supostamente capazes de abranger o que dizem representar. As denominadas modalidades e/ou estilos em dança são “idéias e conceitos sistematizados do que já se pratica amplamente”. (GUARATO, 2010, p.76).

A esta altura já deve estar claro o conceito de que a dança lida com fronteiras que demarcam certa “distância” entre suas diversas formas. Algumas perspectivas mais, e outras menos, mas de um modo geral a dança é uma manifestação artística composta por inúmeras formas e práticas diferentes, que apesar de serem segregadas apresentam possibilidades de aproximação e possibilitam que essas fronteiras se borrem entre si. Assim sendo, o presente texto propôs tratar do tema apresentado, lançando luz em questões a respeito da interação ocorrida entre os universos das Danças Urbanas e da Dança Contemporânea, dentro do contexto do Rio H2K, explicitando questões sobre o modo como essa aproximação tem se dado, assim como possíveis desdobramentos em tal contexto.

Ao realizar essa pesquisa, notou-se que este evento, apesar de ser uma plataforma nacionalmente reconhecida por promover a prática e o estímulo à cena das Danças Urbanas no Brasil, desde 2015 nota-se que o festival busca tensionar um tipo de interação com a Dança Contemporânea, ao que tudo indica, a partir de considerável desejo de expansão do evento. Assim, em certa medida, a Dança Contemporânea passa a estar presente na mostra de espetáculos do evento e nas ações pedagógicas propostas pelo festival, através dos workshops e intensivos.

Verifica-se uma trajetória gradativa do festival, se aproximando da Dança Contemporânea – e propondo um contato com outras manifestações para além das abrangidas pelas Danças Urbanas -, e se aproximando de um entendimento de dança que sinaliza para a importância de uma formação mais versátil e híbrida desses dançarinos. Além disso, apesar de notar que o festival começa a lidar com aspectos do universo da Dança Contemporânea, é possível dizer ainda que há diferentes ideias sobre essa Dança Contemporânea agindo e coexistindo no evento – como por exemplo, o Contemporary Fusion que se difere das noções do Gaga Classes, que por sua vez se diferem das práticas apresentadas pela figura da Cia. Deborah Colker, que também se difere da noção contemporânea expressa pelo Grupo de Rua, e assim por diante com cada um dos pontos do festival discutidos ao longo do texto.

Este festival que desde o início parte da premissa de proporcionar no Brasil intercâmbios e trocas entre artistas internacionais e nacionais, continua tensionando e se direcionando para esse objetivo, mas com o passar do tempo vai alterando, ou agregando novas estratégias para realização desse propósito. Dentre elas, ao realizar a aproximação com companhias francesas e brasileiras, que possuem uma carreira internacional, pautada principalmente em circuitos mais próximos à Dança Contemporânea, a presença dessas figuras e desses trabalhos apontam uma nova estratégia para a internacionalização do evento. Nessa perspectiva, a presença da figura do Guy Darnet na curadoria do festival, também é um dado de grande influência e relevância tanto na questão da aproximação com a Dança Contemporânea quanto pela internacionalização desse espaço.

Além disso, ao inserir espetáculos de Danças Urbanas, de artistas nacionais e internacionais, ocupando palcos e teatros prestigiosos do Rio de Janeiro, o evento aponta para um caminho de possível profissionalização e subsistência das produções e criações desses praticantes. Já que esse é um exemplo de espaço em que se encontram as condições requisitadas pelos dançarinos, o status, o mérito, o reconhecimento de sua arte. Por conseguinte, o evento acaba por evidenciar ainda mais seu propósito com o desenvolvimento e crescimento da cena e dos praticantes de Danças Urbanas no Brasil, informando para seu público que é possível ocupar aquele lugar com sua dança – de origens evidentemente periféricas –, e se profissionalizar através das múltiplas possibilidades de produção que ela propicia.

Assim, sendo a direção do festival a instância que dialoga, cria pontes, estrutura e constrói um delineamento do evento como um todo, criando conexões entre todas ações propostas (tanto artísticas como pedagógicas) e seguindo uma linha de pensamento que faça sentido para com os objetivos e conceitos do evento, parece ser dela que partem esses desejos e proposições destacadas nesta pesquisa sobre o Rio H2K. Ao aproximar sua plataforma a aspectos do universo da Dança Contemporânea, ao evidenciar a iniciativa de internacionalização, estimular a valorização de uma formação híbrida em Dança, e indicar os espetáculos como caminho de profissionalização e financiamento, este festival se firma como uma relevante e influente referência na cena nacional das Danças Urbanas, e da Dança.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- CCFB | Rio H2K. *In: Central de projetos: Rio H2K.* [S. l.]. <Disponível em: <http://www.centraldeprojetosccfb.com.br/rio-h2k/#ficha-completa>.> Acesso em: 5 ago. 2021.
- COLKER, Miguel. *In: Revista Rio H2K: Festival Internacional de Danças Urbanas.* Rio de Janeiro. 2015.
- CORREIA, Adriana Martins; SILVA, Carlos Alberto Figueiredo da; FERREIRA, Nilda Teves. **Do racha na rua à batalha no palco: cenas das danças urbanas.** *Motrivivência: Revista de Educação Física, Esporte e Lazer, LaboMídia - UFSC*, v. 29, ed. 50, p. 213-231, 26 abr. 2017.
- CUNHA, Tarcísio. Rio H2K 2018 Festival Internacional de Dança. **Agenda de Dança**, [S. l.], 19 maio 2018. <Disponível em: <http://www.agendadedanca.com.br/rio-h2k-2018-festival-internacional-de-danca/>> Acesso em: 24 maio 2021
- DUCHIADE, André. Começa Festival Internacional de Dança RIO H2K. **Jornal do Brasil**, [S. l.], 25 maio 2018. <Disponível em: <https://www.jb.com.br/cultura/noticias/2018/05/25/comeca-festival-internacional-de-danca-rio-h2k.html>> Acesso em: 24 maio 2021
- FERNANDES, João; GARCIA, Vitor. A Híbrida Relação entre as Técnicas de Dança Contemporânea e a Formação Artística Profissional. **Revista portuguesa de Educação Artística**, [s. l.], v. 5, p. 45-60, 2015.
- FESTIVAL Rio H2K começa nesta terça-feira. **Rede Globo**, [S. l.], 12 jun. 2017. Globo Teatro,< Disponível em: <https://redeglobo.globo.com/globoteatro/noticia/festival-rio-h2k-comeca-nesta-terca-feira.ghhtml>.>Acesso em: 5 ago. 2021.
- FONSECA, J. J. S. **Metodologia da pesquisa científica.** Fortaleza: UEC, 2002. Apostila.
- GUARATO, Rafael. **"A gente dança do nosso jeito": Dança de Rua em Uberlândia - 1970/2007.** 2007. Monografia (Bacharelado em História) - Instituto de História, Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, 2007.
- GUARATO, Rafael. **História e Dança: Um olhar sobre a cultura popular urbana- Uberlândia 1990/2009.** 2010. Dissertação (Mestrado em História) - Programa de pós-graduação em História, Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia 2010.
- HASEMAN, Brad. Manifesto pela pesquisa performativa. *In Resumos do Seminário de Pesquisas em Andamento PPGAC/USP* (v.3, n1 : 2015 : São Paulo). p. 41-53
- JOSÉ, Ana Maria de São. **Dança Contemporânea: um conceito possível.** V Colóquio Internacional Educação e Contemporaneidade. São Cristóvão, 2011.
- KIS, Juliana. Físico, Verbal e Emocional. *In: PR Cultura.* [S. l.], [S. d.]. <Disponível em: <https://www.prcultura.pr.gov.br/Pagina/Fisico-Verbal-e-Emocional>.> Acesso em: 5 ago. 2021.

LAKKA, Vanilton. **A cena das danças urbanas em cena**: a interface danças urbanas e dança contemporânea. Anais do IV Encontro Nacional de Pesquisadores em Dança: Comitê Dança em Configurações Estéticas, [s. l.], 2015.

OGUIBE, Olu. **O fardo da curadoria**. Revista Concinnitas. ano 5, vol. 1, n. 6, 2004. p. 7-17.

PONZIO, Ana Francisca. Guy Darnet aposta na dança brasileira. **Folha de São Paulo**, [S. l.], 10 set. 1998. <Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/fsp/ilustrad/fq10099808.htm>.> Acesso em: 30 ago. 2021.

RUBIM, Nani. Guy Darnet, um porteiro para a dança brasileira. **O Globo**, [S. l.], 30 ago 2014 < Disponível em: <https://oglobo.globo.com/cultura/guy-darnet-um-porteiro-para-danca-brasileira-13775366>> Acesso em: 25 maio 2021

SANTOS, Vanessa Garcia dos. **Danças Urbanas no Brasil**: Terminologias, profissionalização e festivais. 2016. Monografia (Bacharelado em Dança) – Instituto de Artes, Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, 2016.

SILVA, Ana Cristina Ribeiro. **Dança de Rua: do ser competitivo ao artista da cena**. 2014. 269 p. Dissertação (mestrado) - Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Artes, Campinas, SP.

SILVEIRA, D.T; CÓRDOVA, F.P. Unidade 2 – A pesquisa científica. In: SILVEIRA, D.T.; GERHARDT, T.E. (Orgs.). **Métodos de Pesquisa**. Porto Alegre: UFRGS, 2009. p. 31-42.

SOUZA, Alysso Amancio de. **E...5,6,7,8**: reflexões sobre processos formativos em dança na contemporaneidade. 2015. Dissertação (Mestrado em Artes Cênicas) - Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes, Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 2015.

VASCONCELOS, Liana. RIO HIP HOP KEMP. In: **Dança em rede**. São Paulo Companhia de Dança, 17 mai. 2020. Disponível em: <https://spcd.com.br/verbete/rio-hip-hop-kemp/>. Acesso em: 2 ago. 2021.

VIANNA, Klauss. **A Dança**. 3. ed. São Paulo: Summus, 2005.

VIEIRA, Joedilia L. F.. **A curadoria de eventos culturais**: um estudo de caso da Bienal Internacional de Dança do Ceará. 2010. TCC (Bacharelado em Comunicação Social - Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2010.

WIKIPÉDIA. **Fusion Dance**. [S. l.], 1 mar. 2021. <Disponível em: https://en.wikipedia.org/wiki/Fusion_dance.> Acesso em: 6 set. 2021.

XAVIER, Jussara. Curadoria de dança como abertura ao diálogo. In: XAVIER, Jussara; CESAR, Marta (org.). **Múltipla Dança**: 10 anos em encontros. 1. ed. Florianópolis, SC: [s. n.], 2020. p. 25-33. < Disponível em: https://www.academia.edu/download/66809631/SCANSANI_Andrea_C._O_corpo_como_morada_do_tempo_2020_p._162_182.pdf.> Acesso em: 29 ago. 2021.